

PORTE PAGO
DTR/PR
ISR - 48 - 420/87

Análise Conjuntural

IPARDES

ISSN 0102-0374

Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social

Impresso

Análise Conjuntural

ISSN 0102-0374

IPARDES
Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social
Curitiba, v.27, n.11-12, p.1-38, novembro/dezembro 2005

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ

ROBERTO REQUIÃO - Governador

SECRETARIA DE ESTADO DO PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO GERAL

REINHOLD STEPHANES - Secretário

IPARDES

JOSÉ MORAES NETO

Diretor-Presidente

NEI CELSO FATUCH

Diretor Administrativo-Financeiro

MARIA LÚCIA DE PAULA URBAN

Diretora do Centro de Pesquisa

SACHIKO ARAKI LIRA

Diretora do Centro Estadual de Estatística

THAÍS KORNIN

Diretora do Centro de Treinamento para o Desenvolvimento

ANÁLISE CONJUNTURAL

GILMAR MENDES LOURENÇO (*editor*)

JULIO TAKESHI SUZUKI JÚNIOR (*editor assistente*)

Equipe

ALAN IANKE DOS SANTOS

LEONARDO MARCON WEBER

THAIS ZILIO TESTI MOREIRA

(Acadêmicos de Ciências Econômicas, estagiários)

EDITORAÇÃO

MARIA LAURA ZOCOLOTTI (*supervisão editorial*)

ESTELITA SANDRA DE MATIAS (*revisão*)

LUIZA DE FÁTIMA P. MENDES LOURENÇO

(normalização bibliográfica)

ANA RITA BARZICK NOGUEIRA

(editoração eletrônica)

IPARDES

Instituto Paranaense de Desenvolvimento
Econômico e Social

Rua Máximo João Kopp, 274 - Bloco 2

CEP 82630-900 - Santa Cândida - Curitiba - Paraná

TEL.: (41) 3351-6335 - FAX (41) 3351-6347

INTERNET: <http://www.ipardes.gov.br>

E-MAIL: ipardes@ipardes.gov.br

**Permitida a reprodução total ou parcial desta
publicação, desde que citada a fonte.**

SUMÁRIO

Economia paranaense: resultados em 2005 <i>Julio Takeshi Suzuki Júnior</i>	2
Economia paranaense: rótulos históricos e encaixe recente na dinâmica brasileira <i>Gilmar Mendes Lourenço</i>	8
O epílogo de mais um repique de crescimento <i>Gilmar Mendes Lourenço</i>	15
Dimensão e dinamismo da economia do Paraná <i>Gilmar Mendes Lourenço</i>	17
Paraná - Destaques Econômicos <i>Julio Takeshi Suzuki Júnior, Alan Ianke dos Santos, Leonardo Marcon Weber e Thais Zilio Testi Moreira</i>	19
Economia Paranaense Indicadores Selecionados	21

Economia paranaense: resultados em 2005

Julio Takeshi Suzuki Júnior*

Este texto pretende descrever e avaliar o comportamento da economia paranaense em 2005, tendo como referência as estatísticas disponíveis até o final do mês de novembro. Apesar de não cobrirem a integralidade do exercício, os dados coletados permitem chegar a conclusões importantes acerca do desempenho do Paraná no presente ano, com algumas considerações a respeito da performance da economia nacional.

Inicialmente, é preciso colocar que o PIB do Estado deverá apresentar expansão de 2,4% em 2005, ficando abaixo da taxa de 2,7% projetada para a economia brasileira.¹ O crescimento inferior do PIB paranaense pode ser atribuído principalmente ao declínio da produção agrícola, resultante da prolongada estiagem na fase de desenvolvimento das lavouras.

Segundo o Departamento de Economia Rural da Secretaria da Agricultura e do Abastecimento (Seab/Deral), foram colhidas 22,4 milhões de toneladas de grãos na safra 2004/2005, o que correspondeu a uma diminuição de -13,8% em relação à temporada 2003/2004, quando a produção estadual alcançou a marca de 26,0 milhões de toneladas. Em termos relativos, as culturas que apresentaram as maiores quedas foram o café, o centeio e a canola, com variações de, respectivamente, -42,5%, -34,5% e -27,2% na produção (tabela 1). No caso do café, o pronunciado decréscimo produtivo reflete o ciclo bianual da lavoura, que leva a uma alternância entre altos e baixos patamares de rendimento físico.

Já no que se refere ao milho e à soja, culturas que respondem por cerca de 80% da produção paranaense de grãos, foram registradas reduções de, respectivamente, -23,3% e -7,0% nas quantidades colhidas, evidenciando os prejuízos causados pelos insuficientes níveis de precipitação pluviométrica no final de 2004 e no início de 2005. Ademais, houve queda na produção de arroz (-24,6%), feijão (-17,6%), algodão (-12,9%) e trigo (-5,6%).

Em contrapartida, a pecuária paranaense vem exibindo resultados significativos em 2005 (tabela 2). De acordo com dados do Sindicato da Indústria de Carnes e Derivados do Estado do Paraná (Sindicarne), os abates de aves, bovinos e suínos avançaram, respectivamente, 8,2%, 10,5% e 5,1% nos nove primeiros meses deste ano, em relação ao mesmo período de 2004, não deixando dúvida quanto à continuidade da trajetória de crescimento do complexo carnes.

TABELA 1 - PRODUÇÃO PARANAENSE DE GRÃOS - SAFRAS 2003/2004 E 2004/2005

PRODUTO	PRODUÇÃO (t)		VARIÇÃO (%)
	2003/2004	2004/2005	
Algodão em caroço	90 003	78 428	-12,9
Amendoim	8 660	8 549	-1,3
Arroz (sequeiro e irrigado)	182 253	137 502	-24,6
Aveia (branca e preta)	327 880	387 514	18,2
Café	148 257	85 319	-42,5
Canola	2 062	1 501	-27,2
Centeio	2 519	1 650	-34,5
Cevada	172 120	155 048	-9,9
Feijão (1ª, 2ª e 3ª safras)	666 089	549 172	-17,6
Girassol	765	5 754	652,2
Mamona	1 129	1 064	-5,8
Milho (1ª e 2ª safras)	10 934 582	8 382 752	-23,3
Soja (1ª e 2ª safras)	10 219 905	9 505 650	-7,0
Sorgo	19 667	17 287	-12,1
Trigo	3 051 213	2 879 592	-5,6
Triticale	154 024	187 300	21,6
TOTAL	25 981 128	22 384 082	-13,8

FONTE: SEAB/DERAL

TABELA 2 - ABATES DE AVES, BOVINOS E SUÍNOS, NO PARANÁ - JANEIRO-SETEMBRO 2004-2005

SEGMENTO	ABATES (número de cabeças) ⁽¹⁾		VARIÇÃO (%)
	Janeiro-Setembro 2004	Janeiro-Setembro 2005	
Aves	691 989 579	748 846 022	8,2
Bovinos	958 992	1 059 610	10,5
Suínos	2 582 161	2 713 857	5,1

FONTE: SINDICARNE-PR

(1) Abates com inspeção federal.

Como se sabe, o bom desempenho da atividade de abate de animais deriva da conquista de espaços no mercado internacional, o que confirma não somente a competitividade do segmento, mas também o aproveitamento das oportunidades comerciais abertas pelas crises sanitárias em alguns países. Tanto é assim que as exportações estaduais de carne de frango para o Japão saltaram de US\$ 114,6 milhões no período janeiro-outubro de 2004 para US\$ 151,5 milhões em

*Administrador, técnico da equipe permanente desta publicação.

igual intervalo de 2005, impulsionadas principalmente pelo bloqueio japonês à carne produzida em países que apresentaram casos da gripe aviária.

No cômputo geral, as exportações paranaenses de carne de frango *in natura* somaram US\$ 759,7 milhões até outubro, valor 35,5% superior ao registrado no acumulado dos dez primeiros meses de 2004. Esse aumento contribuiu sobremaneira para a ampliação das vendas externas da cadeia de carnes, que apresentaram variação positiva de 34,9%, subindo de US\$ 802,6 milhões para US\$ 1,1 bilhão (tabela 3).

Ainda no que se refere ao comércio exterior, verifica-se que as exportações totais do Paraná avançaram 2,3%, atingindo a cifra de US\$ 8,3 bilhões. A diferença em relação à taxa de crescimento das exportações nacionais (22,1% no período janeiro-outubro de 2005) pode ser explicada principalmente pela diminuição das receitas geradas pelos produtos do complexo soja, responsáveis por expressiva parcela das vendas externas do Estado.

Segundo estatísticas do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), as exportações paranaenses do complexo soja passaram de US\$ 2,8 bilhões em janeiro-outubro de 2004 para US\$ 1,9 bilhão em janeiro-outubro de 2005, o que representou queda da ordem de -30,2%. Acompanhando as vendas de farelo, que anotaram variação de -27,2%, as exportações de soja em grão contabilizaram declínio de -33,8%, como resultado das menores quantidades produzidas e do comportamento baixista das cotações internacionais da *commodity*.

Adicionalmente, é certo que o movimento descendente da taxa de câmbio vem influenciando as exportações da oleaginosa e dos seus derivados, comprometendo igualmente outros segmentos, como o ramo madeireiro. Neste ano, as vendas ao exterior da indústria madeireira acumulam US\$ 921,3 milhões, valor que corresponde a um recuo de -5,6% em comparação a 2004, indicando dificuldades para o fechamento de novos negócios, após a finalização dos contratos firmados em períodos em que a relação dólar/real era mais favorável à exportação.

Não obstante o notável incremento nos embarques, a apreciação da moeda nacional está afetando também a indústria automobilística, que vem cumprindo seus contratos de exportação em condições desvantajosas em termos de rentabilidade. Nesse caso específico, devido ao fato de que as exportações envolvem subsidiárias de um mesmo grupo, as filiais brasileiras não raramente assumem os prejuízos das operações externas, em razão da limitada margem para o repasse da valorização do real aos preços finais em moeda estrangeira.

De qualquer modo, as vendas externas de automóveis produzidos no Estado cresceram 87,6% nos dez primeiros meses de 2005, totalizando US\$ 935,1

milhões. Tal evolução decorreu do início das exportações de uma nova linha de veículos para a Europa, mercado que até então não se destacava na relação dos importadores de automóveis paranaenses. Deve-se ressaltar, entretanto, que as exportações para o continente europeu passarão a ser realizadas por unidades industriais localizadas em São Bernardo do Campo (SP), cabendo à fábrica paranaense principalmente o atendimento do mercado interno, o que deverá influenciar os resultados do comércio exterior no próximo ano.

No complexo automotivo, pode-se destacar ainda a elevação das divisas geradas pelos embarques de ônibus (de US\$ 12,6 milhões para US\$ 176,6 milhões), por conta do fornecimento de veículos para o transporte coletivo de Santiago, capital do Chile.

De janeiro a outubro de 2005, houve aumento também nas exportações de máquinas e instrumentos mecânicos, produtos químicos, papel e celulose e produtos metalúrgicos, segmentos que anotaram variações de, respectivamente, 28,1%, 21,3%, 17,5% e 68,5% em relação ao mesmo intervalo do ano anterior. O expressivo acréscimo nas vendas de produtos metalúrgicos é reflexo da forte demanda mundial, derivada da continuidade das altas taxas de crescimento econômico. Segundo projeções do Fundo Monetário Internacional (FMI), o PIB mundial deverá crescer 4,3% em 2005, variação que, embora abaixo da taxa de 5,1% referente a 2004, está muito acima da média registrada nas últimas décadas.

Pelo lado das importações, constata-se elevação da ordem de 14,1% nos dez primeiros meses deste ano, alcançando o valor de US\$ 3,8 bilhões. Entre os segmentos que apresentaram incremento nas aquisições externas, sobressaem material de transporte, máquinas e instrumentos mecânicos e derivados de petróleo, com aumentos de 33,4%, 26,8% e 54,9%, respectivamente (tabela 4).

A ascensão das importações do ramo de material de transporte foi sustentada principalmente pelas compras de autopeças, motores e pneumáticos, como efeito da ampliação da produção interna de veículos. Já as aquisições de máquinas e instrumentos mecânicos foram impulsionadas pelas importações de compressores e bombas, rolamentos e engrenagens e computadores e acessórios, que contabilizaram acréscimos de, respectivamente, 20,6%, 20,8% e 100,2% no confronto com o período janeiro-outubro de 2004.

Por sua vez, a significativa expansão das importações do segmento de petróleo e derivados decorreu do maior volume de compras de óleo bruto, produto cujas aquisições no mercado externo saltaram de US\$ 222,4 milhões para US\$ 446,6 milhões, representando variação de 100,8%. Esse aumento resultou da combinação entre a elevação das quantidades adquiridas e o comportamento altista dos preços

internacionais do petróleo, que avançaram 44,3% na comparação da média do período janeiro-outubro de 2005 com a média do mesmo intervalo de 2004, de acordo com estatísticas da Energy Information Administration (EIA).

Em trajetória oposta, as importações de produtos químicos declinaram -15,9%, em virtude da diminuição das compras de adubos e fertilizantes, tornando nítidos os desdobramentos da redução da renda agrícola. Até o mês de outubro, as aquisições externas de fertilizantes somaram US\$ 305,4 milhões, valor muito inferior à cifra de US\$ 558,2 milhões registrada no ano passado.

Passando à avaliação da performance do setor manufatureiro, observa-se que a produção física da indústria paranaense cresceu 2,8% no acumulado dos nove primeiros meses do presente exercício (tabela 5), ficando abaixo da taxa de 3,8% relativa à produção industrial brasileira. Segundo dados do IBGE, o desempenho positivo do Paraná foi determinado, em grande medida, pelos ramos de veículos automotores, refino de petróleo e material elétrico, caracterizados pelo elevado peso na estrutura industrial do Estado.

A acentuada expansão de 22,9% na produção do complexo automotivo se deveu à conjugação do avanço das exportações com a ampliação da demanda doméstica. De acordo com a Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), as vendas de automóveis e veículos comerciais no mercado brasileiro totalizaram 1,2 milhão de unidades no período janeiro-setembro de 2005 (considerando apenas a comercialização de autoveículos nacionais), o que correspondeu a um incremento de 5,6% em relação a igual intervalo de 2004, quando as vendas internas somaram 1,1 milhão de unidades.

Puxada pelo pólo automotivo, a produção do ramo de material elétrico evoluiu 16,4%, contribuindo de forma significativa para o crescimento da indústria paranaense. Além disso, o bom desempenho do segmento refletiu a ascensão da produção de peças de aparelhos para interrupção, por conta das encomendas realizadas pelas empresas do setor de energia.

No tocante à atividade de refino de petróleo, sabe-se que o aumento de 16,4% na produção física é resultado da suspensão das operações da Refinaria

Getúlio Vargas (Repar) em meados do ano passado, para a realização de serviços de manutenção. Em função dessa paralisação, foram processados somente 42,6 milhões de barris de petróleo pela Repar nos nove primeiros meses de 2004, volume muito inferior ao registrado em 2005 (50,5 milhões de barris).

Contraopondo-se aos segmentos que exibiram resultados positivos, alguns ramos industriais apresentaram queda na produção, com destaque para produtos químicos (-23,1%), madeira (-10,4%) e máquinas e equipamentos (-6,4%). De um modo geral, pode-se afirmar que esses decréscimos decorrem da retração da renda do setor primário e/ou das dificuldades impostas ao setor exportador pela valorização da taxa de câmbio.

Juntamente com os altos juros, tais fatores podem ser apontados também como os principais responsáveis pela fraca performance do comércio varejista, que vem registrando números negativos nos últimos meses. No acumulado de janeiro a setembro deste ano, o volume de vendas do comércio varejista do Paraná apresentou redução de -0,2%, resultado fortemente influenciado pelo declínio de -5,9% nas vendas do ramo de hipermercados e supermercados (tabela 6). Por outro lado, foram observados consideráveis aumentos nos segmentos de material para escritório e móveis e eletrodomésticos, com variações de, respectivamente, 58,9% e 15,0% em relação a janeiro-setembro do ano passado.

Por fim, no que tange ao emprego, nota-se a continuidade do dinamismo do mercado formal de trabalho. Conforme dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) do Ministério do Trabalho e Emprego, foram gerados 94,7 mil empregos com carteira assinada no Paraná no período janeiro-outubro de 2005, garantindo a quarta posição entre as unidades da federação.

Entre os setores de atividade econômica, sobressaem os serviços e a indústria, com saldos positivos de 35,3 mil e 25,7 mil vagas, respectivamente. A seguir, surgem o comércio, a agropecuária e a construção civil, responsáveis pela criação de, respectivamente, 21,8 mil, 8,6 mil e 3,3 mil empregos formais no Estado (tabela 7).

TABELA 3 - EXPORTAÇÕES PARANAENSES SEGUNDO GRUPOS E SUBGRUPOS DE PRODUTOS - JANEIRO-OUTUBRO 2004-2005

GRUPOS / SUBGRUPOS DE PRODUTOS	EXPORTAÇÕES (US\$)		VARIACÃO (%)
	Janeiro-Outubro 2005	Janeiro-Outubro 2004	
Material de transporte e componentes	2 024 780 399	1 265 410 131	60,0
Automóveis	935 066 883	498 340 540	87,6
Motores para veículos	460 980 489	434 156 685	6,2
Ônibus	176 605 955	12 564 874	1 305,6
Tratores	157 110 643	152 917 621	2,7
Veículos de carga	149 284 951	54 016 578	176,4
Autopeças	108 731 251	86 055 842	26,3
Outros materiais de transporte	37 000 227	27 357 991	35,2
Complexo soja	1 939 905 478	2 779 514 589	-30,2
Soja em grão	830 940 793	1 254 846 222	-33,8
Farelo de soja	724 579 419	995 506 969	-27,2
Óleo de soja bruto	282 860 763	424 873 811	-33,4
Óleo de soja refinado	101 524 503	102 224 844	-0,7
Óleo de soja, exceto óleo bruto ou refinado	-	2 062 743	-100,0
Carnes	1 083 002 747	802 614 997	34,9
Carne de frango <i>in natura</i>	759 677 650	560 589 688	35,5
Carne suína <i>in natura</i>	165 304 714	80 926 216	104,3
Carne bovina <i>in natura</i>	70 545 772	90 479 205	-22,0
Carne de peru <i>in natura</i>	54 396 687	43 386 007	25,4
Carne de frango industrializada	11 610 929	3 894 915	198,1
Carne bovina industrializada	839 824	502 707	67,1
Outras carnes	20 627 171	22 836 259	-9,7
Madeiras e manufaturas de madeira	921 337 065	975 508 747	-5,6
Madeira compensada ou contraplacada	409 263 314	453 340 985	-9,7
Madeira serrada	184 943 936	158 778 098	16,5
Demais madeiras e manufaturas de madeira	327 129 815	363 389 664	-10,0
Máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos	439 703 407	343 257 466	28,1
Compressores e bombas	177 175 674	122 876 051	44,2
Máquinas e aparelhos de uso agrícola, exceto tratores	54 315 818	74 580 623	-27,2
Refrigeradores e congeladores	50 491 228	49 026 865	3,0
Rolamentos e engrenagens	23 330 032	14 613 883	59,6
Outras máquinas e instrumentos mecânicos	134 390 655	82 160 044	63,6
Produtos químicos	208 789 345	172 162 810	21,3
Adubos e fertilizantes	51 091 592	64 395 536	-20,7
Produtos químicos orgânicos	47 488 047	25 570 965	85,7
Plásticos e suas obras	42 444 614	28 504 336	48,9
Produtos químicos inorgânicos	11 492 086	9 401 363	22,2
Outros produtos químicos	56 273 006	44 290 610	27,1
Papel e celulose	208 330 812	177 330 437	17,5
Papel	207 947 321	177 325 150	17,3
Celulose	383 491	5 287	7 153,5
Produtos metalúrgicos	191 636 361	113 754 856	68,5
Produtos laminados planos de ferro ou aço	56 094 275	23 005 044	143,8
Produtos semimanufaturados de ferro ou aço	50 485 993	51 250 208	-1,5
Barras, perfis, fios, chapas e tiras de alumínio	10 796 338	5 792 022	86,4
Outros produtos metalúrgicos	74 259 755	33 707 582	120,3
Açúcar	185 840 150	146 389 667	26,9
Açúcar bruto	176 553 680	128 729 278	37,2
Açúcar refinado	9 286 470	17 660 389	-47,4
Café	184 350 716	152 491 959	20,9
Café cru em grão	54 847 485	53 008 686	3,5
Café solúvel	129 503 231	99 483 273	30,2
Outros grupos de produtos	899 458 977	1 175 569 933	-23,5
TOTAL	8 287 135 457	8 104 005 592	2,3

FONTE: MDIC/SECEX

NOTA: Elaboração IPARDES.

TABELA 4 - IMPORTAÇÕES PARANAENSES, SEGUNDO GRUPOS E SUBGRUPOS DE PRODUTOS - JANEIRO-OUTUBRO 2004-2005

GRUPOS / SUBGRUPOS DE PRODUTOS	IMPORTAÇÕES (US\$)		VARIÇÃO (%)
	Janeiro-Outubro 2005	Janeiro-Outubro 2004	
Material de transporte e componentes	772 879 588	579 210 156	33,4
Autopeças	420 505 866	340 408 300	23,5
Motores para veículos	241 427 201	151 914 171	58,9
Automóveis	36 572 759	30 904 670	18,3
Pneumáticos e câmaras de ar	30 346 842	14 096 007	115,3
Helicópteros	15 114 346	9 415 286	60,5
Veículos de carga	4 725 764	2 983 425	58,4
Tratores	2 482 584	815 000	204,6
Outros materiais de transporte	21 704 226	28 673 297	-24,3
Produtos químicos	766 028 139	910 317 087	-15,9
Adubos e fertilizantes	305 370 103	558 185 570	-45,3
Produtos químicos orgânicos	183 858 168	165 579 230	11,0
Plásticos e suas obras	123 926 805	96 742 624	28,1
Produtos farmacêuticos	37 566 880	14 405 445	160,8
Produtos químicos inorgânicos	16 651 580	17 130 706	-2,8
Outros produtos químicos	98 654 603	58 273 512	69,3
Máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos	559 100 459	440 881 460	26,8
Compressores e bombas	128 504 375	106 564 373	20,6
Rolamentos e engrenagens	75 117 138	62 200 557	20,8
Computadores e acessórios	46 098 372	23 022 384	100,2
Torneiras e válvulas	31 729 568	29 078 150	9,1
Aparelhos de ar-condicionado	26 715 506	22 394 260	19,3
Outras máquinas e instrumentos mecânicos	250 935 500	197 621 736	27,0
Derivados de petróleo	455 811 680	294 336 534	54,9
Óleos brutos de petróleo	446 551 599	222 382 251	100,8
Óleos lubrificantes	333 535	514 380	-35,2
Gasolina	2 664	2 763 133	-99,9
Óleos e combustíveis	-	59 568 768	-100,0
Demais derivados de petróleo	8 923 882	9 108 002	-2,0
Materiais elétricos e eletrônicos	360 358 384	310 853 750	15,9
Aparelhos transmissores e receptores	58 333 165	64 234 931	-9,2
Aparelhos elétricos para telefonia	46 016 858	37 256 419	23,5
Aparelhos para interrupção, proteção de energia, suas partes	39 047 135	34 921 038	11,8
Geradores e transformadores elétricos	38 502 484	32 041 730	20,2
Outros materiais elétricos e eletrônicos	178 458 742	142 399 632	25,3
Produtos metalúrgicos	128 425 183	102 968 331	24,7
Alumínio em bruto	10 523 006	8 595 248	22,4
Ferro-ligas	6 260 317	1 281 823	388,4
Produtos semimanufaturados de ferro ou aço	5 359 180	5 701 049	-6,0
Produtos laminados planos de ferro ou aço	3 991 936	1 139	-
Tubos de ferro fundido, ferro ou aço	3 333 872	4 332 186	-23,0
Outros produtos metalúrgicos	98 956 872	83 056 886	19,1
Instrumentos, aparelhos de ótica e de precisão	121 288 857	84 843 700	43,0
Papel e celulose	82 150 405	76 044 737	8,0
Celulose	42 285 039	35 403 890	19,4
Papel	39 865 366	40 640 847	-1,9
Cereais	51 385 404	53 078 531	-3,2
Outros grupos de produtos	480 374 382	458 384 180	4,8
TOTAL	3 777 802 481	3 310 918 466	14,1

FONTE: MDIC/SECEX

NOTA: Elaboração IPARDES.

TABELA 5 - VARIAÇÃO DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL PARANAENSE, NO ACUMULADO DO PERÍODO JANEIRO-SETEMBRO DE 2005⁽¹⁾

ATIVIDADE	VARIAÇÃO (%)
Indústria geral	2,8
Indústria de transformação	2,8
Alimentos	-4,2
Bebidas	7,7
Madeira	-10,4
Celulose, papel e produtos de papel	6,9
Edição, impressão e reprodução de gravações	14,1
Refino de petróleo e álcool	16,4
Outros produtos químicos	-23,1
Borracha e plástico	-5,2
Minerais não-metálicos	3,3
Produtos de metal - exclusive máquinas e equipamentos	-5,1
Máquinas e equipamentos	-6,4
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	16,4
Veículos automotores	22,9
Mobiliário	-3,6

FONTE: IBGE

(1) Em comparação ao mesmo período do ano anterior.

TABELA 6 - VARIAÇÃO DO VOLUME DE VENDAS DO COMÉRCIO VAREJISTA DO PARANÁ NO ACUMULADO DO PERÍODO JANEIRO-SETEMBRO DE 2005⁽¹⁾

RAMO	VARIAÇÃO (%)
Comércio varejista	-0,2
Combustíveis e lubrificantes	-1,9
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	-5,3
Hipermercados e supermercados	-5,9
Tecidos, vestuário e calçados	-0,9
Móveis e eletrodomésticos	15,0
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	9,1
Livros, jornais, revistas e papelaria	2,0
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	58,9
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	13,7

FONTE: IBGE

(1) Em comparação ao período janeiro-setembro de 2004.

TABELA 7 - SALDO DO EMPREGO FORMAL NO PARANÁ - JANEIRO-OUTUBRO DE 2005

SETOR	SALDO (número de vagas)
Indústria	25 684
Construção Civil	3 341
Comércio	21 760
Serviços	35 322
Agropecuária	8 620
Outros / Ignorado	3
TOTAL	94 730

FONTE: MTE - CAGED

Nota

¹Projeções do Iparides para o Paraná e do Banco Central (expectativas de mercado) para o Brasil.

Economia paranaense: rótulos históricos e encaixe recente na dinâmica brasileira*

Gilmar Mendes Lourenço**

A despeito da prevalência de uma retórica caracterizada pela autofagia, a evolução da economia e da sociedade paranaenses esteve ligada, por diversas vezes, a um conjunto de *slogans* que fariam inveja aos profissionais de marketing da era do neoliberalismo. Os mais antigos não se esquecem da “terra de todas as gentes” dos anos 1950, ou do “aqui se trabalha”, da década de 1960, centrado na construção da infraestrutura de energia, transportes e telecomunicações.

A história popular chegou a insinuar que, nos anos 1960, na divisa da Região Norte do Paraná com o Estado de São Paulo (especificamente entre Assis e Primeiro de Maio), algum cidadão paulista bem-humorado teria respondido à propaganda do “aqui se trabalha” chamando a atenção, em uma placa publicitária, para o fato de que por lá “aquilo não seria novidade”.

Conflitos e divergências à parte, é preciso reconhecer a riqueza de conteúdo implícita em tais iniciativas de criação de rótulos para as diferentes etapas de transformação da economia do Estado, ainda que inseridos, em certos intervalos, em contextos políticos nacionais extremamente autoritários, como o predominante na época do Milagre Econômico (entre 1968 e 1973), determinados por tentativas de encobrimento dos problemas sociais do País por meio de induções, ou mesmo imposições, do tipo “Brasil: ame-o ou deixe-o”.

Curiosamente, nos tempos recentes, o marketing do Estado perdeu criatividade, em perfeita sintonia com a redução da influência e presença política paranaense na órbita federal. Nunca é demais lembrar que a Refinaria de Petróleo de Araucária (Repar) e a Cidade Industrial de Curitiba (CIC) representaram frutos concretos de um articulado exercício de pressão política do Estado junto à União, para a aprovação de projetos estratégicos aos interesses da sociedade local, incluindo, na maioria das vezes, o rompimento de verdadeiros oligopólios instalados no governo federal e a obtenção de liberação de recursos para o financiamento dos programas prioritários. A derrubada do poder de mercado da Scania e da Mercedes Benz para a entrada da Volvo no Brasil e, posteriormente, a inviabilização do projeto Volvo para o Rio Grande do Sul, configuraram exemplos práticos dessa ofensiva.

Depois dessas vitórias, a pobreza promocional do Estado pode ser evidenciada por alguns episódios pontuais. Em 1988, em plena recessão brasileira, o Paraná

chegou a ser considerado oficialmente um oásis – uma “ilha de prosperidade” –, que recebia uma indústria a cada três dias, pois o setor manufatureiro estadual seria o único em crescimento no País, segundo pesquisa bastante questionável tecnicamente, por falta de representatividade amostral, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Em 1993, em meio à hiperinflação indexada brasileira, também a partir da interpretação equivocada de números da produção industrial do IBGE (não atentando para a influência de uma parada técnica da Petrobrás em 1992, que comprimiu a base de comparação), o Paraná transformou-se num “Brasil que dava certo”. O que dizer então da “terra dos setecentos mil empregos industriais” gerados entre 1996 e 2002, por um ciclo liderado pelas montadoras de automóveis e seus grandes fornecedores mundiais, quando as pesquisas do IBGE chegaram a levantar mais de 450 mil desempregados no Estado?

Na verdade, esse marketing de conveniências, privilegiando o acessório e negligenciando o essencial, sepultou qualquer chance de preservação de uma identidade regional ou de um projeto de desenvolvimento paranaense, com pronunciada propensão ao atendimento das prioridades locais. Nesse ponto, convém sublinhar que uma observação atenta da história do Paraná permite a identificação do surgimento de uma série de marcas, públicas e privadas, explicativas dos avanços econômicos registrados pelo Estado, sendo que muitas delas sucumbiram à era da globalização financeira.

Sem ser exaustivo, não há como negar a importância assumida, no processo de desenvolvimento regional, por organizações estatais como a Companhia de Desenvolvimento do Paraná (Codepar), o Banco de Desenvolvimento do Paraná (Badep), o Banco do Estado do Paraná (Banestado), o Banco Regional de

**Texto preparado como subsídio aos Planos de Desenvolvimento Regional, em execução pelo IPARDES.*

***Economista, Coordenador do Núcleo de Análise de Conjuntura do IPARDES, Coordenador do Curso de Ciências Econômicas da FAE Business School, Mestre em Gestão de Negócios pela Universidade Federal de Santa Catarina, autor do livro Economia brasileira: da construção da indústria à inserção na globalização (Sindecon-PR, 2005).*

Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE), a Companhia Paranaense de Energia (Copel), a Companhia de Saneamento do Paraná (Sanepar), dentre outras. Em paralelo, enorme peso foi exercido por entidades privadas como Hermes Macedo, Móveis Cimo, Prosdócimo, Grupo Bamerindus, Batavo, Cocamar, Coamo etc.

A excessiva preocupação com o promocional e a ausência de compromissos políticos com a edificação de uma gestão regional compartilhada entre os diferentes atores atuantes no espetáculo do desenvolvimento do Estado explicam o sumiço de apreciável parcela dessas referências, diante dos ditames da internacionalização competitiva, impostos ao Brasil como forma de sobrevivência aos novos padrões de concorrência do mundo globalizado.

*No contexto da globalização,
não existe mais lugar para
empresas familiares, para o
fomento econômico e para a
provisão de infra-estrutura pública*

De acordo com a visão global, nesse ambiente não haveria mais lugar para empresas regionais de gestão familiar, para o fomento econômico via bancos públicos e para a construção e manutenção de bases infra-estruturais por conta do Estado. Como resultado, o Brasil e o Paraná passaram a integrar um processo de industrialização desnacionalizada, desprovido de eixos de decisão domésticos.

Porém, descontados os exageros de cunho político ou mesmo ideológico, é inegável que desde o início da década de 1990 a economia paranaense vem atravessando uma etapa de intensificação da diversificação e modernização de seu perfil produtivo. Aproveitando o momento extremamente favorável vivido pelo País com a estabilidade monetária pós-1994, o aparelho produtivo do Estado conseguiu retomar a trajetória de transformações expressivas trilhada no decênio de 1970 e interrompida nos anos 1980.

Naquela época, a disponibilidade de uma retaguarda física (infra-estrutura) e financeira (Badep) – montada na década de 1960 com recursos da Codepar, ou, mais precisamente, do Fundo de Desenvolvimento Econômico (FDE) – em condições de crescimento acelerado da economia brasileira facilitou a ocorrência da modernização agrícola e agroindustrial do Estado e a instalação de um pólo cimenteiro na Região Metropolitana de Curitiba (RMC), sobretudo entre 1970 e 1975.

Já no segundo quinquênio dos anos 1970, o prosseguimento da diversificação da agroindústria e a implantação da CIC e da Repar permitiram ao Paraná reproduzir, de maneira ampliada, parcela da desconcentração industrial experimentada pelo País no intervalo 1975-1978, durante o II Plano Nacional de Desenvolvimento (PND), no governo Geisel.

A desconcentração macrorregional da indústria foi bloqueada no decurso da década de 1980, em razão da quase paralisação dos investimentos produtivos e

da breca no crescimento econômico, consequência da exaustão do modelo de substituição de importações no País, viabilizado pela forte presença e participação do Estado e pelo pronunciado grau de endividamento externo, entre o começo dos anos 1930 e o final do decênio de 1970.

Enquanto isso, a base econômica paranaense experimentou moderado dinamismo, associado a fatores específicos, tais como a continuidade da modernização agroindustrial (fiação de algodão, Proálcool, subprodutos do milho, industrialização de aves e maltaria), a maturação plena de grandes investimentos realizados em segmentos modernos e/ou novos da indústria estadual em fins dos anos 1970 e início dos 1980 (fertilizantes nitrogenados, ônibus e caminhões, papel de imprensa, cigarros, micro e minicomputadores) e algumas inversões nos ramos de siderurgia e refrigeradores e *freezers* na esteira do Plano Cruzado, em 1986.

Na primeira metade dos anos 1990, a economia estadual passou a refletir a mudança do marco institucional da economia brasileira, ditado pelo aprofundamento da abertura comercial, pela desregulamentação dos mercados e pelas privatizações. No fundo, a combinação entre o clima recessivo e a abertura comercial, desprovida de tempo e de condições financeiras e técnicas disponibilizadas pelo Estado para a preparação das empresas nacionais, desencadeou um movimento defensivo na esfera privada, conhecido como reestruturação industrial.

A reestruturação englobou profundas mudanças nas técnicas de gestão e nos métodos de produção do setor privado, na busca de sobrevivência em um mercado aberto e em plena maturação da Terceira Revolução Industrial. Nesse contexto, as empresas brasileiras procuraram se dedicar à introdução de conceitos inovadores de gestão, à racionalização de linhas de produção, à substituição de processos, à importação de equipamentos modernos, à terceirização de atividades menos rentáveis e à implantação de sistemas de automação e de controle aprimorado de qualidade, entre outros propósitos.

O retorno do curso de desconcentração inter-regional do crescimento do setor manufatureiro brasileiro ocorreu a partir de 1995, com o advento da estabilidade monetária, materializado com a decisão privada de construção de novas plantas produtivas fora do eixo saturado, formado por Rio e São Paulo, e a opção geográfica por centros de portes médio e grande, dotados de infra-estrutura (física, científica e tecnológica) adequada e situados estrategicamente no interior de um grande e novo mercado polarizado por São Paulo e pelo Mercosul.

Nesse cenário, o Estado do Paraná utilizou um conjunto de atrativos formados por localização geográfica privilegiada, estoque adequado de infra-estrutura e mecanismos institucionais para a viabilização da expansão e implantação de indústrias. O aparato institucional foi composto pelo Programa Paraná Mais Empregos, criado em 1992 com a denominação de Bom Emprego Fiscal, e pelo Fundo de Desenvolvimento Econômico (FDE), formado pelos *royalties* de energia e os créditos em liquidação do Badep, extinto em 1991.

Nessas condições, delineou-se um ciclo de investimentos estruturantes, ancorado em alguns vetores estreitamente articulados, com destaque para o pólo automobilístico, a modernização do agronegócio, a ampliação quantitativa e qualitativa do complexo madeireiro e papelero, a expansão da fronteira internacional, incluindo o Mercosul, o melhor aproveitamento das vocações e o desenvolvimento das aptidões regionais e o amparo infra-estrutural, sobretudo na área de ciência e tecnologia e na maximização do tripé constituído por transportes, energia e telecomunicações.

Uma breve incursão em alguns desses eixos impõe recordar que a formação do complexo automotivo começou ainda nos anos 1970, com a vinda da New Holland, fabricante de colheitadeiras e de tratores agrícolas, e da Volvo (ônibus e caminhões). Recentemente, o pólo incorporou as montadoras Renault, Volks/Audi, Chrysler – que encerrou as atividades em 2001 – e um apreciável conjunto de fornecedores diretos globais.

A acentuação da verticalização das cadeias agrícola e agroindustrial está acoplada à busca de maior agregação de valor à produção primária e de diminuição da grande dependência da obtenção de reduzidas margens propiciadas pela simples comercialização de *commodities*. O processo vem sendo liderado pelas organizações empresariais cooperativistas, que dominam a oferta de matéria-prima no Estado (respondendo por cerca de 55% da produção agropecuária), detêm expressiva parcela da capacidade de industrialização, e possuem estruturas gerenciais e de capitalização avançadas, semelhantes às das grandes empresas privadas. Ademais, essas organizações atuam de forma regionalizada, o que facilita tanto a identificação de oportunidades quanto a alocação de recursos de forma mais eficiente em verticalização e integração, junto às regiões produtoras.

Já a expansão quantitativa e qualitativa da capacidade produtiva do complexo madeireiro-papeleiro deriva do aproveitamento da disponibilidade de matéria-prima proveniente de reflorestamentos (*pinus*, eucalipto e acácia negra), facilitada pela melhoria de competitividade proporcionada pela mudança do regime cambial em 1999. Essa frente incorpora tanto a modernização dos segmentos tradicionais quanto a diversificação do portfólio de produtos, com a produção do *Medium Density Fiberboard* (MDF), produto vinculado à demanda das indústrias moveleira e da construção civil.

O rearranjo da frente externa, especialmente com os mercados do Cone Sul, representa importante fronteira de avanço dos fluxos de comércio, particularmente para as pequenas e médias empresas. Observe-se que as vendas externas paranaenses para o restante do mundo saltaram de US\$ 1,87 bilhão em 1990 para US\$ 9,40 bilhões em 2004, elevando a participação relativa do Estado no total exportado pelo País de 5,9% para 9,7%, consolidando o quarto lugar no *ranking* nacional.

Cumprir apontar ainda o vetor de expansão da base científica e tecnológica, na direção da introdução de novos paradigmas, fruto da multiplicação de ações públicas e privadas, englobando as áreas de gestão, processos e produtos e implicando ganhos de produtividade e de competitividade ao parque produtivo

operante no Estado. O componente novo desse arsenal abrange a regulamentação do artigo 205 da Constituição Estadual, destinando 2% da receita tributária para C&T.

A estrutura econômica do Estado tende a ser bastante diversificada, diferente da subordinação aos ciclos primários e intermediários predominantes no passado

Por tudo isso, é fácil perceber que a estrutura econômica do Estado tende a ser bastante diversificada, diferente da subordinação aos ciclos primários e intermediários predominantes no passado. Trata-se de uma mudança de fisionomia, especialmente no setor secundário, que deverá romper com duas peculiaridades históricas e articuladas da economia paranaense: a rígida complementaridade em relação a São Paulo e a especialização produtiva no agronegócio.

Essas transformações propiciaram a consolidação da quinta posição do Estado no ranking nacional de geração de renda, contribuindo com 6,4% para o esforço produtivo brasileiro em 2003, atrás de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul (tabela 1).

TABELA 1 - PARTICIPAÇÃO DOS PRINCIPAIS ESTADOS NO PRODUTO INTERNO BRUTO DO BRASIL - 2000/2003

ESTADOS	PARTICIPAÇÃO %	
	2000	2003
São Paulo	33,7	31,8
Rio de Janeiro	12,5	12,2
Minas Gerais	9,6	9,3
Rio Grande do Sul	7,7	8,2
Paraná	6,0	6,4
Bahia	4,4	4,7
Santa Catarina	3,8	4,0
Pernambuco	2,6	2,7
Distrito Federal	2,7	2,4
Goiás	2,0	2,4
Brasil	100,00	100,00

Fonte: IBGE

O Paraná é também o quinto estado mais industrializado do País, tendo elevado sua contribuição no Valor da Transformação Industrial (VTI) brasileiro de 5,3%, em 1996, para 6,8% em 2003 (tabela 2).

TABELA 2 - BRASIL - VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL (VTI) - PRINCIPAIS ESTADOS - 1996/2003

ESTADOS	VTI (% NO BRASIL)	
	1996	2003
São Paulo	49,4	41,4
Rio de Janeiro	8,3	10,4
Minas Gerais	9,2	9,7
Rio Grande do Sul	7,7	8,1
Paraná	5,3	6,8
Santa Catarina	4,3	4,6
Bahia	2,8	4,1
Amazonas	3,3	3,2
Espírito Santo	1,3	2,1
Goiás	1,1	1,6
Brasil	100,0	100,0

Fonte: IBGE

Ainda no que se refere ao setor industrial, é possível notar sensível avanço em sua participação na renda interna estadual na segunda metade da década de 1980, resultante basicamente da dinâmica dos segmentos agroindustrial e metalmeccânico. No decênio de 1990 houve um recuo dessa contribuição, em face dos reflexos da abertura comercial e do Plano Real, em uma estrutura produtiva leve, sustentada em *commodities* e na fabricação de bens de consumo não-duráveis (tabela 3).

TABELA 3 - PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL DO VALOR ADICIONADO A PREÇO BÁSICO, SEGUNDO CLASSES E RAMOS DE ATIVIDADE, NO PARANÁ - 1985/2003

CLASSES E RAMOS DE ATIVIDADE	1985	1990	1995	1999	2000	2001	2003
Agropecuária	23,88	11,90	9,16	14,11	13,66	13,03	19,70
Indústria	35,46	45,69	41,13	39,71	41,27	43,81	39,80
Indústria de transformação	27,18	31,97	22,78	21,33	23,91	26,49	26,40
Construção	6,17	8,83	13,49	12,48	11,26	10,06	8,10
Serv. ind. e de utilidade pública	2,02	4,85	4,83	5,89	6,07	7,24	5,30
Serviços	40,66	42,42	49,71	46,18	45,07	43,17	40,50
Comércio	8,87	7,69	8,52	6,65	7,32	7,61	8,10
TOTAL GERAL	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

FONTE: Contas Regionais do Brasil - IBGE/IPARDES

NOTA: Os resultados de 2003 são provisórios.

Contudo, a partir de 2000, verificou-se recuperação daquela participação, como resultado dos impactos conjugados do rompimento do câmbio fixo (ou flutuante em minibandas) em 1999 e dos novos investimentos, conseqüentes da abertura e da consolidação do real. Desse modo, a indústria representava cerca de 40,0% do PIB estadual em 2003, participação bastante próxima da apresentada pelo setor serviços. Ressalte-se que a forte reação da agropecuária em 2002-2003 decorreu dos efeitos positivos da combinação entre expansão da economia mundial, elevação das cotações das *commodities* e câmbio desvalorizado.

As modificações na estrutura do produto manufatureiro paranaense vêm acontecendo, em maior intensidade, desde a primeira metade dos anos 1990, evidenciadas pelo avanço dos gêneros mecânica, material elétrico, material de transporte e papel e papelão, e pela estagnação, ou perda de importância relativa, dos ramos tradicionais de minerais não-metálicos, metalurgia, madeira, mobiliário, produtos alimentares e têxteis.

A reconfiguração industrial ganhou novos contornos no segundo quinquênio dos anos 1990, influenciada pela vinda do complexo automotivo e pela ampliação da participação das atividades de madeira e papel e o declínio ou estabilização de alimentos, bebidas, têxtil, minerais não-metálicos, material eletrônico e equipamentos de telecomunicações (tabela 4).

Cabe alertar que a perda de peso da indústria eletroeletrônica decorreu do encerramento das atividades de uma importante unidade de equipamentos de energia elétrica e do declínio no nível de utilização da capacidade instalada do segmento de tele-equipamentos no Paraná.

Mas, o efetivo aumento da contribuição dos segmentos modernos foi encoberto pelo avanço da indústria química, particularmente do item refino de petróleo, em razão da realização de algumas inversões em modernização, por parte da Petrobrás, e, preponderantemente, da brutal elevação ocorrida nas cotações internacionais do petróleo, explicativa da combinação entre a redução de compras externas e a ampliação dos preços internos dos derivados.

Entretanto, a diminuição do peso relativo de algumas atividades industriais não significa, necessariamente, perda de dinamismo. Muito provavelmente, tal fenômeno reproduz níveis de expansão dos investimentos e da produção em ritmo inferior à média industrial, puxada para cima pelo ciclo das montadoras (tabela 5).

Ainda assim, é prudente atribuir o declínio e/ou estagnação registrado por minerais não-metálicos, metalurgia e mobiliário à crise da construção civil, à exaustão dos padrões de financiamento, derivada da falência do Estado e da deterioração das fontes de recursos, ligada ao reduzido dinamismo da economia, comprometendo a arrecadação do FGTS e os depósitos em cadernetas de poupança.

A compressão da indústria têxtil pode ser imputada aos efeitos negativos da abertura comercial, viabilizada pela abrupta redução das alíquotas de importação, e pelo quase desaparecimento da cultura de algodão no Estado, em face da migração em direção ao paradigma da mecanização no Centro-Oeste brasileiro. Já a vertiginosa redução da participação do segmento fumo é conseqüência da transferência das atividades da Phillip Morris da Cidade Industrial de Curitiba (CIC) para o Rio Grande do Sul.

As transformações na base industrial também podem ser visualizadas pela avaliação da pauta de exportação do Estado. A grande constatação corresponde ao avanço dos produtos mais elaborados e ao recuo dos básicos, atestado pela impulsão de material de transporte e pela diminuição do complexo soja (tabela 6).

Atualmente, o Paraná ocupa a quarta posição no ranking dos estados exportadores, atrás de São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Com vendas da ordem de US\$ 9,4 bilhões em 2004, o Estado foi responsável por 9,7% das exportações brasileiras.

No entanto, o retorno social desse maior dinamismo econômico revelou-se bastante limitado, o que pode ser comprovado pela observação do comportamento de indicadores como renda per capita e índice de desenvolvimento humano (IDH). Apesar de exibir renda per capita 13,0% superior à média brasileira, o Paraná ostenta a sexta posição entre as unidades da federação, ficando atrás do Distrito Federal, Amazonas e Santa Catarina, por exemplo (tabela 7).

Já em IDH – média ponderada entre os indicadores de renda, saúde e educação –, o Estado registra resultado apenas 2,7% acima do apresentado pelo País, figurando no sexto lugar, atrás do Distrito Federal, Santa Catarina, São Paulo, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro (tabela 8).

TABELA 4 - DISTRIBUIÇÃO DO VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL - PARANÁ - 1996-2001/2003

SEÇÃO E ATIVIDADES INDUSTRIAIS	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2003
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Indústrias extrativas	0,8	0,9	0,8	0,7	0,7	0,6	0,5
Extração de carvão mineral	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1	0,0	0,0
Extração de petróleo e serviços correlatos	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Extração de minerais metálicos	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Extração de minerais não-metálicos	0,7	0,8	0,8	0,6	0,6	0,5	0,4
Indústrias de transformação	99,2	99,1	99,2	99,3	99,3	99,4	99,6
Fabricação de produtos alimentícios e bebidas	28,5	28,4	26,3	22,9	20,1	24,4	20,7
Fabricação de produtos do fumo	3,7	2,7	2,9	0,6	0,8	0,8	0,6
Fabricação de produtos têxteis	1,9	1,6	2,2	1,5	1,5	2,0	1,5
Confeção de artigos do vestuário e acessórios	1,4	1,5	1,7	1,6	1,7	1,2	1,1
Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados	0,8	0,6	0,6	0,6	0,4	0,5	0,5
Fabricação de produtos de madeira	5,1	5,1	4,9	7,1	3,1	5,3	5,9
Fabricação de celulose, papel e produtos de papel	5,4	4,9	5,9	7,2	7,8	6,3	7,8
Edição, impressão e reprodução de gravações	3,4	3,0	5,7	3,0	2,6	1,9	2,3
Fabricação de coque, refino de petróleo, elaboração de combustíveis nucleares e produção de álcool	7,6	6,7	7,1	11,3	15,4	12,0	14,7
Fabricação de produtos químicos	6,5	6,3	6,2	7,4	7,2	7,3	7,4
Fabricação de artigos de borracha e plástico	2,5	2,6	3,1	2,6	3,0	2,6	3,2
Fabricação de produtos de minerais não-metálicos	3,7	3,4	4,2	4,1	4,6	5,3	3,4
Metalurgia básica	1,2	1,2	1,4	1,3	0,9	0,9	1,2
Fabricação de produtos de metal – exclusive máquinas e equipamentos	2,8	2,0	3,1	2,5	2,7	2,6	2,4
Fabricação de máquinas e equipamentos	8,0	9,1	6,8	7,3	7,3	6,8	7,4
Fabricação de máquinas para escritório e equipamentos de informática	0,2	0,1	0,5	0,8	0,5	0,6	0,2
Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos	2,6	2,7	2,4	1,6	2,1	2,6	1,8
Fabricação de material eletrônico e de aparelhos e equipamentos de comunicações	5,9	9,0	3,2	3,8	1,7	5,3	1,5
Fabricação de equipamentos de instrumentação médico-hospitalares, instrumentos de precisão e ópticos, equipamentos para automação industrial, cronômetros e relógios	1,0	0,8	0,9	0,5	0,9	0,7	0,7
Fabricação e montagem de veículos automotores, reboques e carrocerias	3,3	4,1	4,9	8,5	11,5	7,2	12,1
Fabricação de outros equipamentos de transporte	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1
Fabricação de móveis e indústrias diversas	3,6	3,4	5,1	2,9	3,4	3,1	2,9
Reciclagem	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1	0,1
Outros	0,1	0,1	0,1	1,5	0,1	0,1	0,6

FONTE: IBGE

TABELA 5 - PARANÁ - INVESTIMENTOS INDUSTRIAIS PROGRAMADOS - 1995-2004

DESCRIÇÃO	INVESTIMENTOS	
	Valor (US\$)	Distribuição (%)
Extração de minerais metálicos	0	0,0
Extração de minerais não-metálicos	1 500 000	0,0
Fabricação de produtos alimentícios e bebidas	1 153 477 033	11,1
Fabricação de produtos do fumo	125 266 775	1,2
Fabricação de produtos têxteis	266 831 948	2,6
Confeção de artigos do vestuário e acessórios	21 569 666	0,2
Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados	6 488 886	0,1
Fabricação de produtos de madeira	460 941 552	4,5
Fabricação de celulose, papel e produtos de papel	671 227 265	6,5
Edição, impressão e reprodução de gravações	5 707 999	0,1
Fabricação de coque, refino de petróleo, elaboração de combustíveis nucleares e produção de álcool	192 530 178	1,9
Fabricação de produtos químicos	723 471 807	7,0
Fabricação de artigos de borracha e plástico	533 481 770	5,2
Fabricação de produtos de minerais não-metálicos	188 653 748	1,8
Metalurgia básica	1 097 519 342	10,6
Fabricação de produtos de metal – exclusive máquinas e equipamentos	305 576 629	3,0
Fabricação de máquinas e equipamentos	404 575 795	3,9
Fabricação de máquinas para escritório e equipamentos de informática	17 021 427	0,2
Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos	61 418 191	0,6
Fabricação de material eletrônico e de aparelhos e equipamentos de comunicações	157 225 090	1,5
Fabricação de equipamentos de instrumentação médico	2 078 138	0,0
Fabricação e montagem de veículos automotores, reboques e carrocerias	3 878 346 122	37,5
Fabricação de outros equipamentos de transporte	13 144 398	0,1
Fabricação de móveis e indústrias diversas	62 035 560	0,6
TOTAL	10 350 089 319	100,0

FONTE: IPARDES

TABELA 6 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS EXPORTAÇÕES PARANAENSES, SEGUNDO GRUPOS DE PRODUTOS - 1990/1995 - 1998/2000 - 2004

GRUPO DE PRODUTOS	1990	1995	1996	1997	1998	2000	2001	2002	2003	2004
Soja	45,58	43,60	47,31	49,52	47,57	34,36	31,29	34,27	34,62	31,38
Material de transporte	3,54	6,99	6,91	7,77	8,31	22,28	22,75	22,29	20,28	17,01
Madeira	3,69	7,15	6,22	6,39	7,35	10,86	9,28	10,53	10,60	12,43
Carnes	4,47	4,80	5,91	4,32	5,14	6,52	8,27	8,38	9,21	10,30
Milho	-	0,07	0,71	0,78	0,05	0,06	6,82	4,13	4,11	5,18
Açúcar	0,16	0,88	2,00	3,07	4,25	3,16	3,41	2,70	2,59	1,86
Papel e celulose	5,04	5,97	4,24	3,07	3,24	3,36	2,63	2,32	2,50	2,29
Café	9,66	6,84	5,38	5,58	4,97	3,64	2,47	2,24	2,32	2,00
Máquinas e instr. mecânicos	2,67	3,46	3,08	3,15	2,74	1,83	2,05	1,90	2,74	4,71
Químicos diversos	0,56	1,25	1,35	1,33	1,46	1,87	1,36	1,21	1,26	2,19
Material elétrico	0,73	0,71	0,70	0,67	0,84	1,12	0,72	0,50	0,74	2,21
Outros	23,90	18,28	16,19	14,35	14,08	10,94	8,95	9,53	9,03	8,44
TOTAL	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

FONTE: MDIC/SECEX

TABELA 7 - BRASIL - PRODUTO INTERNO BRUTO PER CAPITA - PRINCIPAIS ESTADOS - 2000/2003

ESTADOS	PRODUTO INTERNO BRUTO PER CAPITA (R\$)	
	2000	2003
Distrito Federal	14.224	16.920
Rio de Janeiro	9.513	12.671
São Paulo	9.919	12.619
Rio Grande do Sul	8.302	12.071
Santa Catarina	7.844	10.949
Paraná	6.847	9.891
Amazonas	6.663	9.100
Espírito Santo	6.880	8.792
Brasil	6.430	8.694

FONTE: IBGE

A maximização das oportunidades oferecidas ao crescimento econômico do Paraná depende do tratamento e correção de restrições, por meio de atitudes políticas em direções convergentes

Por último, cabe citar que a maximização das principais oportunidades oferecidas ao crescimento econômico do Paraná depende do simultâneo tratamento e correção de algumas restrições, por meio da intensificação de atitudes políticas em algumas direções convergentes.

Nessa perspectiva, é essencial buscar a minimização dos efeitos da concentração industrial no espaço polarizado pela Região Metropolitana de Curitiba (RMC), particularmente no eixo Paranaguá-Curitiba-Ponta Grossa, examinando as possibilidades de aproveitamento da infra-estrutura física, científica e tecnológica de uma rede de cidades de porte médio no interior do Estado, para a descoberta de opções de investimentos associadas às vocações e aptidões regionais.

Seria oportuna também a busca de uma maior internalização dos efeitos multiplicadores dinâmicos do pólo automotivo, por meio da inserção de empresas locais

TABELA 8 - BRASIL - ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO - PRINCIPAIS ESTADOS - 1991/2000

ESTADOS	ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO	
	1991	2000
Distrito Federal	0,799	0,844
Santa Catarina	0,748	0,822
São Paulo	0,778	0,820
Rio Grande do Sul	0,753	0,814
Rio de Janeiro	0,753	0,807
Paraná	0,711	0,787
Mato Grosso do Sul	0,716	0,778
Goias	0,700	0,776
Minas Gerais	0,773	0,697
Espírito Santo	0,690	0,765
Brasil	0,696	0,766

FONTE: PNUD - Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil

nas cadeias de fornecimento e subfornecimento, multiplicando os esforços que vêm sendo realizados pelo Sindimetal e pelo Sebrae-PR. As negociações no âmbito do Conselho de Política Automotiva, criado pelo governo estadual, podem resultar em compromissos, das montadoras e de seus fornecedores de primeira linha, de ampliação das compras de peças e componentes fabricados no Estado, que atualmente representam cerca de 24,0% das aquisições totais.

É importante ainda a procura intransigente do resgate de uma identidade empresarial regional, neutralizando as chances de prosseguimento da marcha de absorção de grupos domésticos por corporações estrangeiras e revisando criteriosamente o programa de privatizações da área de infra-estrutura e das instituições de fomento econômico.

Nesse desafio, convém atentar para a limitação imposta pelo esfacelamento da retaguarda financeira do desenvolvimento econômico, constituída por ativos públicos construídos e/ou consolidados, especialmente o Badep e o Banestado, durante pelo menos quarenta anos, e que representaram bases de parcela apreciável dos investimentos e do giro dos negócios do Estado durante esse prolongado período.

Há que considerar a premência em minimizar a migração campo-cidade, ocasionada pela continuidade

inexorável do processo de mecanização da agricultura e pela crescente inviabilização econômica de algumas atividades rurais, agravada pela falta de dinamismo do mercado de trabalho urbano em tempos de abertura e de globalização.

É imperiosa também a busca de restauração do equilíbrio das contas públicas e, conseqüentemente, da capacidade de inversão pública em capital social básico, notadamente na área de educação, essencial para a qualificação de mão-de-obra dirigida ao atendimento dos requisitos implícitos no novo paradigma.

Nesse particular, é possível perceber o desenvolvimento de algumas ações, por parte do governo estadual, na direção da reversão do processo (ou tendência) de privatização da infra-estrutura,

sobretudo nos segmentos de energia, saneamento e transportes. Sem entrar no mérito dos intrincados aspectos técnicos ou jurídicos destas iniciativas, é imprescindível reconhecer seu encaixe em princípios doutrinários de resgate de uma maior e mais agressiva participação estatal na organização e indução da operação do sistema econômico e de efetivação de alterações nas formas de relacionamento entre o setor público e os atores privados em áreas estratégicas.

Parece vital, ainda, o exercício de pressões ativas junto à esfera federal na defesa de programas e projetos essenciais ao desenvolvimento do Estado, além da execução de um movimento para a ativação de um projeto de crescimento por parte do governo federal.

O epílogo de mais um repique de crescimento

*Gilmar Mendes Lourenço**

Os números do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro para o terceiro trimestre do ano, divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apenas confirmaram a exacerbação das expectativas negativas dos agentes econômicos, manifestada pelos meios especializados. O PIB declinou 1,2% entre julho e setembro, quando confrontado com o intervalo compreendido entre abril e junho de 2005.

O registro de incremento de 1,0% na comparação com o quarto trimestre de 2004 e a expansão de 2,6% no acumulado dos três trimestres de 2005 sinalizam significativo arrefecimento econômico. O quadro só não foi mais dramático em virtude do desempenho do comércio externo do País, ilustrado pela variação de 12,9% e 11,4% das exportações e importações, respectivamente, entre janeiro e setembro. A par disso, os componentes da demanda doméstica expressaram dinamismo medíocre, com elevações de 3,1% no consumo das famílias, 1,8% nos gastos públicos e 1,2% nos investimentos, em igual período. Sob o ângulo dos setores econômicos, agropecuária, indústria e serviços observaram expansões de 1,5%, 2,9% e 2,1%, respectivamente, nos nove primeiros meses de 2005.

A persistência do acréscimo nas vendas externas, ainda que em ritmo menor que em 2003 e 2004, esteve intimamente ligada à expansão do comércio internacional (preços e quantidade), ao desempenho do agronegócio e às ofensivas das grandes empresas na fronteira internacional, depois das desvalorizações cambiais de 1999 e 2002.

Mais precisamente, depois da constatação da pronunciada retração industrial, verificada entre julho e setembro, e da estabilização das taxas de desemprego em patamares superiores a 9,0% da População Economicamente Ativa (PEA), desde junho de 2005, proliferou a avaliação de reversão do ciclo de recuperação da atividade econômica, iniciado no segundo semestre de 2003.

Por certo, a indiscutível e forte desaceleração do ritmo de crescimento da economia do País reproduz a conjugação entre variáveis econômicas e políticas. Contudo, é prudente esclarecer que a economia brasileira foi atingida pela própria política econômica e não pela instabilidade política, pois o nó institucional causado pela dominação das CPIs no Congresso Nacional poderá ser desatado mediante o oferecimento e o emprego de expedientes derivados do pleno exercício da democracia.

Pelo ângulo da estrutura produtiva, a insistente manutenção de juros reais elevados produziu a inversão dos fatores de dinamismo interno, materializada no encolhimento da disposição de consumo das famílias e de investimentos das empresas, e das vendas externas, estas últimas afetadas pela sobrevalorização da taxa de câmbio, que, inclusive vem abrindo flancos para a ampliação das importações, em detrimento da produção doméstica.

A economia brasileira foi atingida pela própria política econômica e não pela instabilidade política

Convém lembrar que as quedas promovidas na taxa Selic pelo Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central (BC), nos últimos meses, foram pouco significativas, e incapazes de neutralizar a subida dos juros primários reais (cerca de 13,0% ao ano, constituindo-se nos maiores do mundo), em razão da queda da inflação em maior velocidade, e de induzir reduções mais pronunciadas no preço do dinheiro para consumo da população e giro e investimento das organizações.

A ampliação pontual da demanda de bens duráveis de consumo pode ser imputada à disseminação da modalidade de empréstimos consignados com desconto em folha, cujo custo varia entre 1/4 e 1/3 das linhas bancárias normais, e às alianças celebradas entre bancos e o varejo. Porém, a estagnação da renda e a impulsão da inadimplência já estariam demonstrando o esgotamento da alavanca representada pelo aumento do endividamento primário da população. Dados do BC denotam que o estoque de empréstimos às pessoas físicas passou de 12,1% do total, em dezembro de 1996, para 45,8% em setembro de 2005. No mesmo intervalo, o saldo de empréstimos ao setor privado caiu de 88,0% para 54,0% do total.

**Economista, Coordenador do Núcleo de Análise de Conjuntura do IPARDES, Coordenador do Curso de Ciências Econômicas da FAE Business School, Mestre em Gestão de Negócios pela Universidade Federal de Santa Catarina, autor do livro Economia brasileira: da construção da indústria à inserção na globalização (Sindecop-PR, 2005).*

Por tudo isso, levantamentos do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (IEDI) apuraram que a rentabilidade (lucro/patrimônio líquido) de 24 grandes empresas, representantes de dez diferentes segmentos industriais, declinou de 7,4% no terceiro trimestre de 2004 para 6,0% em igual período de 2005. Ademais, segundo a Confederação Nacional da Indústria (CNI), a utilização da capacidade produtiva da indústria já teria regressado aos níveis da recessão de 2003. Em contrapartida, de acordo com análises da consultoria Austin Asis, os quatro principais bancos privados brasileiros (Bradesco, Itaú, Unibanco e Banespa) acusaram o maior lucro em dez anos em 2005 e elevaram a rentabilidade de 22,0%, em 2004, para 30,0% em 2005.

*A disputa entre Palocci e Dilma
Rousseff é carente da
abrangência e do conteúdo
técnico que caracterizaram os
governos dos anos 1970 e 1980*

O mais gritante, porém, é que, passado o efeito sazonal de animação das vendas do comércio, ligado às festas de fim de ano, o atual cenário desfavorável deve se propagar para 2006, carregando as dificuldades enfrentadas pelos padrões do conservadorismo econômico – que vem sendo protagonistas de encrencas no interior do próprio governo – e juntando-se às imposições do ciclo eleitoral e à deterioração do estoque de capital político do governo Lula.

Vale sublinhar que o confronto travado entre Palocci e Dilma Rousseff vem se mostrando carente da abrangência e do conteúdo técnico embutidos em embates pretéritos, que colocaram em cena desenvolvimentistas e ortodoxos, como Velozzo e Simonsen, Delfim e Simonsen,

e Sayad e Dornelles, envolvidos com discussões de idéias e proposições de longo alcance temporal, ainda que, com o passar do tempo, Delfim tivesse se transformado em um fervoroso defensor do ajuste fiscal.

O panorama prospectivo mais sombrio é comprovado pelos resultados da Sondagem Conjuntural da Indústria de Transformação, realizada pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) no começo do mês de novembro, sinalizando a disposição de redução de investimentos em 18 de 21 segmentos manufatureiros e estimativa de incremento dos negócios para 44,0% das empresas pesquisadas contra 67,0% em idêntico período de 2004. Na mesma linha, pesquisa realizada pela CNI apurou que apenas 29,0% de uma amostra de 1.485 companhias industriais pretendem investir em aumento da capacidade produtiva em 2006.

Como se vê, o Brasil perdeu mais uma oportunidade de encaixe derradeiro em uma etapa expansiva da economia mundial, puxada pela China e pelos Estados Unidos, devendo exibir, em 2005 e 2006, crescimento bastante inferior ao dos demais mercados emergentes.

De fato, a subida para a primeira divisão do dinamismo econômico mundial exigiria a deflagração de uma agenda de crescimento que abarcaria, de um lado, a introdução de modificações radicais na orientação macroeconômica, visando à sincronização entre três macropreços (juros, câmbio e tributos), e, de outro, a preparação e implementação de estratégias de estímulo às atividades produtivas em detrimento do lucro financeiro e/ou especulativo.

Para tanto, seria crucial a ocorrência de expressivas reduções dos juros e da carga tributária, o desmonte da indexação, a ampliação das reservas cambiais e a instituição de limitações aos fluxos de capitais voláteis, aspectos que provavelmente estarão ausentes do cotidiano econômico brasileiro em 2006.

Dimensão e dinamismo da economia do Paraná

Gilmar Mendes Lourenço**

As estatísticas de Produto Interno Bruto (PIB) regionais, relativas ao exercício de 2003, lançadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em conjunto com diversas instituições de pesquisas de diferentes estados brasileiros, com base em padrões metodológicos comparáveis, colocaram em relevo dois indicadores econômicos do Paraná: performance e tamanho.

Naquele ano, o Estado experimentou o sétimo melhor desempenho do PIB no País (variação de 5,2% contra 0,5% do Brasil), superando todas as unidades federativas do eixo considerado desenvolvido, formado pelas Regiões Sul e Sudeste. Com respeito à variável tamanho, ou à contribuição para a geração de renda do País, a economia estadual registrou impulsão de 6,1% em 2002 para 6,4% em 2003, firmando-se na 5ª posição no ranking brasileiro, ficando atrás do Rio Grande do Sul, que também aumentou sua participação de 7,8% para 8,2% no mesmo período.

Na verdade, apesar de carregarem um retardo temporal de quase dois anos, por exigirem operações em rede, como levantamentos, consistência, tratamentos estatísticos e cálculos, que dependem da chancela do IBGE, os resultados veiculados corroboram a tendência de desconcentração geográfica das atividades produtivas do País, atestada pelo pronunciado declínio da participação da Região Sudeste no PIB, especialmente do Estado de São Paulo, e o avanço do Centro-Sul e das regiões de fronteira agrícola e mineral, ancorado na combinação entre variáveis econômicas e incentivos fiscais.

Tanto é assim que a observação da trajetória de crescimento do produto real, no intervalo de tempo compreendido entre 1985 e 2003, permite constatar a liderança de alguns estados do Norte (Amazonas e Pará), do Centro-Oeste (Mato Grosso e Mato Grosso do Sul) e do Sul (capitaneado pelo Paraná), conforme demonstra a tabela 1.

Especificamente em 2003, o maior dinamismo do Paraná decorreu da performance das atividades vinculadas ao agronegócio e/ou à demanda externa, a partir do aproveitamento de alguns componentes conjunturais, como a elevação das cotações das *commodities* e a recuperação da economia mundial, e de fatores estruturais, que incluem a conquista e consolidação de novas frentes de mercados compradores, caso do complexo soja na China e das carnes na Europa,

sustentados por expressivos ganhos de qualidade e produtividade da produção regional.

Adicionalmente, verificaram-se os impactos de elementos de irrigação, representados por estímulos de natureza tarifária e tributária oferecidos pelo governo do Estado às empresas. Na área tarifária, os incentivos consistiram na neutralização, pela Companhia Paranaense de Energia (Copel), do reajuste de 25,27% autorizado pela Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), a partir de 25 de junho de 2003, na forma de concessão de descontos aos consumidores adimplentes.

Essa renúncia de faturamento configurou injeção direta de cerca de R\$ 500,0 milhões ao movimento de negócios do Estado – materializado em acréscimos dos recursos para giro e investimentos das empresas e da renda líquida disponível dos consumidores –, que chegaram a R\$ 600,0 milhões se computadas as cifras do Programa “Luz Fraterna”, que isentou do pagamento da tarifa a utilização de energia de até 100 kWh/mês para as famílias de baixa renda.

No terreno tributário, destacaram-se a isenção do ICMS para cerca de 120 mil microempresas, cujo faturamento mensal não superou R\$ 15,0 mil em 2003, e a diminuição da alíquota para 2,0%, 3,0% e 4,0% para empresas com vendas mensais de até R\$ 30,0 mil, R\$ 100,0 mil e acima de R\$ 100,0 mil, respectivamente. Houve ainda a redução do ICMS de 18,0% para 12,0% nas operações realizadas entre contribuintes industriais e comerciantes atacadistas dentro do Estado, anulando as diferenças entre as alíquotas interna e interestadual do tributo. Essa última medida estimulou a paranaização das compras, em face da maior competitividade na formação de preços e da diminuição das necessidades de capital de giro por parte das empresas operantes no Estado.

Esses elementos positivos ensejaram a sensível ampliação da participação do setor agropecuário na formação da renda estadual, passando de 16,2% em 2002 para 19,7% em 2003, contra declínio da indústria, de 40,8% para 39,8%, e dos serviços, de 43,0% para

**Economista, Coordenador do Núcleo de Análise de Conjuntura do IPARDES, Coordenador do Curso de Ciências Econômicas da FAE Business School, Mestre em Gestão de Negócios pela Universidade Federal de Santa Catarina, autor do livro Economia brasileira: da construção da indústria à inserção na globalização (Sindecop-PR, 2005).*

40,5%. No Brasil, agropecuária, indústria e serviços respondiam por 10,4%, 42,2% e 47,4%, respectivamente, para a construção do produto em 2003.

Ressalte-se que a renda agropecuária do Paraná é a terceira maior do Brasil (12,1%), perdendo apenas para a de São Paulo (23,9%) e a do Rio Grande do Sul (14,8%). Enquanto isso, o Estado ostenta o quinto parque industrial de transformação do País (6,1%), ficando atrás de São Paulo (40,4%), Rio Grande do Sul (10,0%), Minas Gerais (9,1%) e Rio de Janeiro (7,7%).

A importância relativa da indústria paranaense na economia estadual e brasileira deve aumentar quando forem incorporadas as estatísticas da PIA de 2003

Parece oportuno esclarecer que a magnitude da indústria paranaense e seu correspondente peso na estrutura produtiva estadual e brasileira devem aumentar quando forem incorporadas as apurações da Pesquisa Industrial Anual (PIA) de 2003 às Contas Regionais do IBGE. Os dados da PIA revelam contribuição do Rio Grande do Sul e do Paraná de 8,1% e 6,8%, respectivamente, no

valor da transformação industrial (VTI), *proxy* do produto industrial do País, o que precipita o surgimento de indicações de subavaliação e superdimensionamento dos parques fabris paranaense e gaúcho, respectivamente, na atual contabilidade regional brasileira.

Com esse tipo de correção, a participação do Estado no PIB total brasileiro pode subir para uma faixa entre 6,7% e 7,0%, preservando o 5º posto. Em não se confirmando essas inferências, seria razoável supor que os esforços públicos e privados, ocorridos desde os anos 1990, para tornar o perfil econômico paranaense cada vez mais semelhante ao brasileiro, teriam não apenas sido infrutíferos mas provocado o efeito oposto.

Em renda *per capita*, o Paraná ocupa o sexto lugar no País (R\$ 9.891,0 *versus* R\$ 8.792,0 do País), depois do Distrito Federal, Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Convém advertir que as quebras de safra, ocorridas em 2004 e 2005 por conta da estiagem, e a permanente valorização cambial provocada pela política macroeconômica de juros reais elevados, praticada pelo governo federal, comprimiram, nos últimos dois anos, os fatores determinantes do dinamismo econômico registrado pelo Paraná em 2003.

TABELA 1 - BRASIL - TAXA DE CRESCIMENTO REAL ACUMULADA DO VALOR ADICIONADO A PREÇOS BÁSICOS, SEGUNDO REGIÕES E ESTADOS SELECIONADOS - 1985/2003

REGIÕES/ESTADOS	TAXA DE CRESCIMENTO (%)			
	1985-1989	1990-1993	1994-2003	1985-2003
Norte	28,0	11,0	60,0	152,0
Amazonas	27,0	11,0	113,0	271,0
Pará	35,0	8,0	34,0	102,0
Nordeste	14,0	4,0	24,0	55,0
Ceará	19,0	11,0	21,0	72,0
Pernambuco	9,0	3,0	24,0	39,0
Bahia	9,0	3,0	25,0	45,0
Sudeste	12,0	3,0	21,0	40,0
Minas Gerais	13,0	5,0	25,0	53,0
Espírito Santo	8,0	13,0	30,0	65,0
Rio de Janeiro	13,0	0,0	20,0	33,0
São Paulo	12,0	3,0	19,0	37,0
Sul	18,0	14,0	28,0	74,0
Paraná	26,0	10,0	39,0	102,0
Santa Catarina	19,0	12,0	36,0	83,0
Rio Grande do Sul	11,0	17,0	18,0	51,0
Centro-Oeste	21,0	11,0	42,0	103,0
Mato Grosso do Sul	23,0	16,0	45,0	116,0
Mato Grosso	50,0	28,0	72,0	275,0
Goiás	16,0	11,0	41,0	87,0
Brasil	14,0	6,0	26,0	55,0

FONTE: DECNA/DPE/IBGE

Paraná - Destaques Econômicos*

*Julio Takeshi Suzuki Júnior***, *Alan Ianke dos Santos*, *Leonardo Marcon Weber* e *Thais Zilio Testi Moreia****

AGROPECUÁRIA

Safra 2005/2006 deverá crescer 22,8% no Estado

De acordo com estimativas do Departamento de Economia Rural (Deral) da Secretaria da Agricultura e do Abastecimento, a safra de verão 2005/2006 poderá alcançar 21,28 milhões de toneladas de grãos no Estado. Esse resultado representa crescimento de 27,8% em relação às 16,65 milhões de toneladas colhidas na safra 2004/2005.

Os destaques devem ficar por conta do feijão das águas, que poderá registrar acréscimo de 13,9% na área plantada, e do milho. Por sua vez, a soja e o algodão deverão registrar queda de 76 mil e 32 mil hectares na área plantada, respectivamente.

PR vai produzir menos soja e mais milho. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 5 nov. 2005. p.20.

AGROINDÚSTRIA

Cocamar produzirá farinha de trigo

No mês de dezembro, a Cooperativa Agropecuária de Maringá (Cocamar) iniciará a produção de farinha de trigo. Atualmente, a cooperativa apenas comercializa o cereal, sem processá-lo.

A Cocamar recebe cerca de 50 mil toneladas de trigo por safra, sendo que a metade desse volume passará a ser transformado em farinha. A cooperativa aproveitará sua estrutura de armazenagem e distribuição de produtos, já existente.

COCAMAR vai vender farinha. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 5 nov. 2005. p.19.

Agrogen investe R\$ 50 milhões em Guarapuava

A Agrogen, empresa de genética avícola, está investindo R\$ 50 milhões em uma nova unidade, que será instalada no município de Guarapuava.

A principal atividade do empreendimento será o desenvolvimento genético de matrizes de frango, que exigirá a construção de uma granja com capacidade para até 5 milhões de matrizes e de um incubatório para 7 milhões de aves por ano.

COSTA, Flávio. Empresa de genética avícola investe R\$ 50 milhões em Guarapuava. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 6 nov. 2005. p.6.

Unifrango inaugura novo abatedouro

A Unifrango, empresa do setor avícola, planeja construir um novo abatedouro em Apucarana (Região Norte do Paraná), o que exigirá investimentos de R\$ 20 milhões. A empresa pretende abater 50 mil aves por dia, devendo se concentrar inicialmente no abate de matrizes de descarte (aves que já não são mais utilizadas na produção de pintos de corte).

FERREIRA, Giovani. Paraná faz blindagem da avicultura contra doenças. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 11 nov. 2005. p.22.

INDÚSTRIA

Guaratuba receberá indústria de barcos

O município de Guaratuba abrigará a indústria Corporação Náutica, que fabricará barcos de fibra de 18 a 30 pés. Inicialmente, a empresa irá investir R\$ 300 mil, gerando 15 empregos diretos. Em uma segunda fase serão construídos um estaleiro e uma marina, que elevarão os investimentos para R\$ 1 milhão.

RECH, Gisele. Indústria vai fabricar barcos em Guaratuba. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 6 nov. 2005. p.25.

*Elaborado com informações disponíveis no período de 01 /11/2005 a 30/11/2005.

**Administrador de Empresas, técnico da equipe permanente desta publicação.

***Acadêmicos de Ciências Econômicas, estagiários do IPARDES.

Kraft inaugura nova unidade em Curitiba

No mês de novembro, a Kraft Foods inaugurou uma unidade de sobremesas em pó, em seu complexo industrial localizado em Curitiba.

Transferida de Jundiaí (SP) para a capital paranaense, a fábrica recebeu investimentos de US\$ 5 milhões e abriu 450 novos postos de trabalho. Atualmente, a Kraft Foods emprega cerca de 900 pessoas em suas duas unidades em Curitiba.

GASPARIN, Mirian. Kraft investe US\$ 5 milhões em nova unidade. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 11 nov. 2005. p.20.

POMBO, Luciana. Kraft concentra produção em Curitiba. **Folha de Londrina**, 12 nov. 2005. Economia, p.3.

CARVALHO, Joyce. Kraft inaugura nova planta industrial. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 12 nov. 2005. p.27.

COMÉRCIO

Casas Bahia ampliará participação no Paraná

As Casas Bahia pretendem instalar lojas em todas as cidades paranaenses com população superior a 50 mil habitantes. Brevemente, a rede inaugurará filiais em Francisco Beltrão, Pato Branco e Fazenda Rio Grande, além de uma nova loja em Curitiba (no bairro Pinheirinho). Em novembro, foram inauguradas as filiais de Toledo e Umuarama.

Até maio de 2006 serão concluídas as obras do centro de distribuição, que está sendo construído em São José dos Pinhais. Com 40 mil metros quadrados de área construída e R\$ 12 milhões em investimentos, o centro concentrará a distribuição para Santa Catarina e Paraná.

NUNES, Osmar. Casas Bahia anuncia investimentos no Paraná. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 17 nov. 2005. p.3.

INFRA-ESTRUTURA

Copel registra aumento do lucro líquido

A Companhia Paranaense de Energia (Copel) contabilizou lucro líquido de R\$ 309 milhões nos primeiros nove meses de 2005, valor 3,8% superior ao registrado no mesmo período de 2004. O resultado foi determinado principalmente pelo crescimento de 26,6% da receita operacional líquida.

Os investimentos no período janeiro-setembro de 2005 totalizaram R\$ 304 milhões, sendo mais da metade em obras de distribuição. Já o setor de transmissão recebeu recursos de R\$ 95 milhões, acima das áreas de telecomunicações (R\$ 13 milhões), geração (R\$ 13 milhões) e gás canalizado (R\$ 7 milhões).

LUCRO líquido da Copel cresce 3,8%. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 12 nov. 2005. p.25.

Sanepar registra aumento nas receitas e redução no lucro

A Sanepar contabilizou nos três primeiros trimestres de 2005 um faturamento de R\$ 295,8 milhões, superando em R\$ 21 milhões o valor alcançado no mesmo período de 2004. O resultado é consequência do reajuste médio de 7,6% nas tarifas e do aumento nas ligações de água e esgoto.

Já o lucro líquido, apesar do aumento da receita, registrou queda de 44,5%, recuando de cerca de R\$ 50 milhões no período janeiro-setembro de 2004 para R\$ 27,7 milhões em igual intervalo do ano de 2005.

SAIS, Rodrigo. Copel e Sanepar divulgam lucros. **Folha de Londrina**, 12 nov. 2005. Economia, p.3.

ECONOMIA PARANAENSE - INDICADORES SELECIONADOS

TABELA 1 - ÁREA, PRODUÇÃO E PRODUTIVIDADE DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS DO PARANÁ - 1980-2005

continua

ANO	ALGODÃO			ARROZ			BATATA-INGLESA		
	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)
1980	336 000	561 519	1 671	390 545	638 000	1 636	42 630	521 762	12 239
1981	305 790	581 000	1 900	275 000	493 632	1 793	39 146	459 357	11 734
1982	369 500	739 000	2 000	204 000	256 620	1 258	50 460	603 553	11 961
1983	440 000	695 608	1 581	216 400	368 313	1 702	45 004	422 870	9 396
1984	322 124	611 865	1 899	196 700	242 570	1 233	40 904	505 915	12 368
1985	540 000	1 035 661	1 918	200 000	296 000	1 480	38 992	497 522	12 760
1986	415 000	768 434	1 852	140 000	206 000	1 411	40 509	416 596	10 284
1987	386 000	711 880	1 844	202 923	342 844	1 690	50 155	662 129	13 202
1988	470 000	903 107	1 922	188 615	316 732	1 679	49 464	654 282	13 227
1989	415 091	805 277	1 940	163 633	295 698	1 807	39 622	502 158	12 673
1990	490 000	852 600	1 740	151 003	253 501	1 679	41 285	616 498	14 933
1991	618 000	1 024 111	1 657	121 297	163 056	1 909	41 650	653 824	15 698
1992	704 498	972 804	1 381	134 000	217 200	1 621	43 925	683 500	15 561
1993	345 000	448 081	1 299	127 500	232 500	1 824	40 800	624 872	15 315
1994	235 000	422 541	1 798	105 301	217 466	2 065	45 069	643 865	14 286
1995	282 760	529 977	1 874	108 600	225 000	2 072	43 038	620 300	14 413
1996	182 700	287 061	1 571	96 300	205 000	2 129	49 236	716 000	14 542
1997	59 874	110 000	1 837	85 487	176 057	2 059	45 399	665 840	14 666
1998	112 994	170 358	1 508	80 521	170 080	2 113	43 510	571 854	13 143
1999	48 161	109 144	2 266	81 894	186 880	2 282	41 931	615 832	14 687
2000	54 420	126 051	2 316	79 823	179 885	2 254	36 448	648 376	17 789
2001	71 264	174 854	2 454	78 568	186 678	2 376	32 661	594 124	18 191
2002	35 958	83 970	2 335	75 717	185 245	2 447	33 782	659 353	19 518
2003	30 066	71 744	2 386	71 543	193 493	2 705	30 527	609 007	19 950
2004	47 247	89 944	1 904	68 051	182 090	2 676	29 336	580 350	19 783
2005 ⁽¹⁾	57 842	81 085	1 402	60 565	138 594	2 288	27 167	544 719	20 051

ANO	CAFÉ			CANA-DE-AÇÚCAR			CEVADA		
	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)
1980	734 152	180 000	245	57 990	4 451 480	76 763	30 172	39 172	1 298
1981	700 000	498 000	711	69 120	4 888 038	70 712	34 775	35 392	1 017
1982	303 000	96 000	317	90 000	6 840 000	76 000	35 950	27 247	758
1983	440 000	354 000	805	110 930	9 664 965	87 127	21 442	18 915	882
1984	424 000	252 000	594	121 696	8 428 836	69 261	19 574	18 400	940
1985	424 000	318 000	750	140 878	10 425 000	74 000	36 297	65 512	1 722
1986	422 825	120 000	284	160 000	11 600 000	72 500	27 600	60 000	2 174
1987	430 000	510 000	1 186	160 420	11 911 431	74 252	40 670	92 000	2 262
1988	505 581	114 000	226	156 497	11 856 032	75 759	42 498	49 485	1 164
1989	493 324	267 039	541	153 539	11 401 852	74 260	40 402	102 351	2 532
1990	426 391	156 702	368	159 417	11 736 412	73 621	28 213	50 844	1 802
1991	383 355	201 922	527	172 296	12 500 000	72 550	22 974	31 052	1 352
1992	296 000	108 000	365	184 000	13 350 000	72 554	17 700	43 326	2 448
1993	230 000	100 000	435	196 000	14 000 000	71 429	23 946	48 860	2 040
1994	184 351	81 990	445	215 796	15 945 937	73 894	14 207	27 975	1 969
1995	13 750	7 350	535	255 000	18 870 000	74 000	20 235	30 800	1 515
1996	134 000	67 000	500	294 000	23 000 000	78 231	26 110	85 430	3 272
1997	127 895	109 630	858	306 000	24 500 000	80 065	36 971	106 030	2 868
1998	128 127	135 707	1 060	310 344	26 640 767	85 843	42 957	84 371	1 964
1999	136 642	141 813	1 038	338 939	27 016 957	79 710	31 864	78 722	2 471
2000	142 118	132 435	932	327 147	23 190 410	70 887	32 135	69 146	2 152
2001	63 304	28 299	447	337 574	27 156 281	80 445	40 456	76 209	1 884
2002	129 313	139 088	1 076	358 312	28 120 716	78 481	46 750	77 862	1 665
2003	126 349	117 274	928	375 698	32 721 425	87 095	53 479	184 786	3 455
2004	117 376	152 260	1 297	398 969	33 552 515	84 098	53 819	167 450	3 111
2005 ⁽¹⁾	107 895	86 455	801	414 840	31 899 700	76 896	50 980	170 260	3 340

TABELA 1 - ÁREA, PRODUÇÃO E PRODUTIVIDADE DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS DO PARANÁ - 1980-2005

conclusão

ANO	FEIJÃO			MANDIOCA			MILHO		
	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)
1980	815 088	462 250	567	44 640	887 810	19 888	2 156 508	5 466 967	2 535
1981	852 835	570 860	669	58 700	1 100 380	18 746	2 161 999	5 363 109	2 481
1982	879 990	666 800	758	62 500	1 218 750	19 500	2 276 700	5 430 000	2 385
1983	699 685	347 035	496	69 870	1 452 870	20 794	2 361 800	5 018 870	2 125
1984	741 001	479 108	647	73 688	1 446 258	19 627	2 447 000	5 400 000	2 207
1985	723 764	499 617	690	85 800	1 722 864	20 080	2 332 840	5 803 713	2 488
1986	627 604	215 701	344	85 800	1 700 000	19 814	2 300 000	4 300 000	1 870
1987	754 210	391 355	519	85 445	1 853 950	21 698	2 846 000	7 641 800	2 685
1988	741 920	457 692	617	85 242	1 855 328	21 765	2 269 862	5 558 805	2 449
1989	528 741	253 031	422	77 349	1 622 846	20 981	2 137 234	5 296 080	2 478
1990	550 591	279 028	507	101 854	2 184 599	21 448	2 079 784	5 160 823	2 481
1991	624 036	348 332	558	102 265	2 261 788	22 117	2 358 797	4 827 112	2 046
1992	595 894	461 162	774	100 000	2 100 000	21 000	2 610 000	7 370 000	2 824
1993	545 800	444 000	813	137 000	3 014 000	22 000	2 703 000	8 158 000	3 018
1994	589 479	526 209	893	157 625	3 419 935	21 700	2 512 859	8 162 472	3 248
1995	487 309	422 451	867	144 000	3 168 000	22 000	2 727 800	8 960 400	3 285
1996	596 125	490 854	823	115 232	2 500 000	21 695	2 463 000	7 911 000	3 212
1997	557 123	475 458	853	144 500	2 600 000	17 993	2 503 003	7 752 217	3 097
1998	564 537	494 556	876	149 934	3 241 800	21 622	2 229 524	7 935 376	3 559
1999	680 317	570 097	838	164 258	3 446 805	20 984	2 520 818	8 777 465	3 482
2000	541 082	500 948	926	182 850	3 779 827	20 672	2 233 858	7 367 262	3 298
2001	428 343	470 214	1 098	172 815	3 614 859	20 918	2 820 597	12 689 549	4 499
2002	526 457	629 059	1 195	142 892	3 463 968	24 242	2 461 816	9 857 504	4 004
2003	544 906	718 084	1 318	108 097	2 476 346	22 909	2 843 704	14 403 495	5 065
2004	503 585	664 333	1 319	150 217	2 956 771	19 683	2 464 652	10 953 869	4 444
2005 ⁽¹⁾	432 446	542 347	1 254	205 729	3 967 165	19 283	1 971 747	8 292 554	4 206

ANO	RAMI			SOJA			TRIGO		
	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)
1980	6 780	17 000	2 507	2 410 000	5 400 000	2 241	1 440 000	1 350 000	937
1981	7 160	10 164	1 420	2 266 200	4 983 210	2 199	785 000	915 000	1 166
1982	5 818	9 477	1 629	2 100 000	4 200 000	2 000	1 175 000	1 025 000	872
1983	4 670	9 583	2 052	2 022 000	4 315 000	2 134	898 265	1 066 000	1 187
1984	4 495	9 625	2 141	2 177 900	4 121 000	1 892	829 211	1 113 009	1 342
1985	4 887	10 004	2 047	2 196 370	4 413 000	2 009	1 295 548	2 696 023	2 081
1986	5 530	7 000	1 266	1 745 000	2 600 000	1 490	1 947 000	2 950 000	1 115
1987	7 100	15 500	2 183	1 718 000	3 810 000	2 218	1 717 500	3 300 000	1 921
1988	8 162	19 060	2 335	2 123 379	4 771 264	2 247	1 773 797	3 250 000	1 832
1989	8 030	9 193	1 145	2 399 993	5 031 297	2 096	1 829 680	3 207 000	1 753
1990	7 139	10 183	1 426	2 267 638	4 649 752	2 050	1 197 149	1 394 052	1 164
1991	5 595	7 999	1 430	1 972 538	3 531 216	1 790	1 082 358	1 825 959	1 687
1992	5 300	6 500	1 226	1 794 000	3 417 000	1 905	1 220 000	1 600 000	1 311
1993	5 650	7 200	1 548	2 076 000	4 817 000	2 320	696 000	1 023 000	1 470
1994	3 482	3 992	1 146	2 154 077	5 332 893	2 476	599 070	1 012 439	1 690
1995	2 913	2 922	1 003	2 199 720	5 624 440	2 557	579 000	960 000	1 658
1996	2 550	4 970	1 940	2 392 000	6 448 800	2 696	1 024 480	1 977 030	1 930
1997	1 816	3 616	1 991	2 551 651	6 582 273	2 580	899 024	1 629 226	1 812
1998	818	1 615	1 974	2 858 697	7 313 460	2 558	893 302	1 509 420	1 690
1999	465	992	2 133	2 786 857	7 752 472	2 782	707 518	1 446 782	2 045
2000	465	1 006	2 163	2 859 362	7 199 810	2 518	437 761	599 355	1 369
2001	387	865	2 235	2 821 906	8 628 469	3 058	873 465	1 840 114	2 107
2002	470	1 357	2 887	3 316 379	9 565 905	2 884	1 035 501	1 557 547	1 504
2003	539	1 361	2 525	3 653 266	11 018 749	3 016	1 197 192	3 121 534	2 607
2004	539	1 197	2 221	4 007 099	10 221 323	2 551	1 350 196	2 978 109	2 206
2005 ⁽¹⁾	539	1 158	2 148	4 129 575	9 468 705	2 293	1 292 721	3 010 605	2 329

FONTES: SEAB/DERAL, IBGE

(1) Estimativa.

TABELA 2 - ABATES DE AVES, BOVINOS E SUÍNOS, NO PARANÁ - 1997-2005

PERÍODO	PESO TOTAL DAS CARÇAÇAS (t)			PERÍODO	PESO TOTAL DAS CARÇAÇAS (t)		
	Aves	Bovinos	Suínos		Aves	Bovinos	Suínos
1997	720 154	225 021	189 459	Janeiro	121 181	18 728	27 006
1998	854 517	236 358	193 435	Fevereiro	110 707	17 839	26 296
1999	957 237	198 873	229 466	Março	130 714	21 834	29 479
2000	1 041 412	181 113	235 315	Abril	127 224	21 885	27 522
2001	1 121 828	197 985	263 451	Maiο	129 493	23 624	29 508
2002	1 235 681	219 350	333 951	Junho	130 170	26 308	29 841
2003	1 344 398	219 774	359 139	Julho	138 452	22 128	30 029
Janeiro	109 999	15 544	31 393	Agosto	132 983	22 417	28 961
Fevereiro	98 465	15 161	28 084	Setembro	134 141	25 930	28 795
Março	99 991	16 155	29 054	Outubro	133 126	26 809	26 859
Abril	101 153	17 152	29 714	Novembro	130 394	26 870	28 165
Maiο	112 623	17 422	30 246	Dezembro	139 160	22 435	28 106
Junho	103 349	15 244	29 913	2005 ⁽¹⁾	841 133	149 630	174 520
Julho	120 730	15 638	32 243	Janeiro	138 408	18 246	27 016
Agosto	115 940	17 616	30 363	Fevereiro	128 063	19 364	25 759
Setembro	121 156	20 834	30 928	Março	141 733	26 502	28 752
Outubro	127 530	24 920	33 913	Abril	135 603	29 261	28 540
Novembro	115 356	20 766	28 242	Maiο	145 529	28 822	31 875
Dezembro	118 106	23 322	25 048	Junho	151 796	27 435	32 579
2004 ⁽¹⁾	1 557 747	276 806	340 568				

FONTE: IBGE - Pesquisa Trimestral de Abate de Animais

(1) Resultados preliminares.

TABELA 3 - PRODUÇÃO DE COLHEITADEIRAS E TRATORES, NO PARANÁ - 1976 - OUTUBRO 2005

ANO	PRODUÇÃO (UNIDADES)		ANO	PRODUÇÃO (UNIDADES)	
	Colheitadeiras	Tratores		Colheitadeiras	Tratores
1976	1 515	5 186	Maiο	192	1 040
1977	1 356	8 826	Junho	196	929
1978	1 614	9 636	Julho	220	1 084
1979	1 635	12 575	Agosto	317	1 126
1980	1 936	13 482	Setembro	324	1 063
1981	1 954	14 105	Outubro	395	867
1982	1 179	6 606	Novembro	347	886
1983	1 079	3 345	Dezembro	287	510
1984	1 748	7 921	2004	3 147	10 619
1985	2 167	9 728	Janeiro	198	440
1986	2 029	10 588	Fevereiro	408	694
1987	2 121	9 479	Março	399	896
1988	1 567	8 847	Abril	227	766
1989	1 386	6 189	Maiο	228	795
1990	885	4 111	Junho	213	942
1991	584	2 677	Julho	162	1 182
1992	593	2 893	Agosto	242	1 175
1993	1 038	4 475	Setembro	214	1 004
1994	1 707	9 011	Outubro	301	1 047
1995	859	5 095	Novembro	265	931
1996	897	4 180	Dezembro	290	747
1997	1 296	6 062	2005	622	5 832
1998	1 380	6 025	Janeiro	60	246
1999	1 351	4 854	Fevereiro	118	627
2000	1 692	6 251	Março	90	738
2001	2 046	8 307	Abril	34	749
2002	2 448	9 752	Maiο	19	686
2003	3 112	10 449	Junho	25	910
Janeiro	220	478	Julho	53	551
Fevereiro	238	734	Agosto	54	635
Março	247	776	Setembro	69	432
Abril	129	956	Outubro	100	258

FONTES: Anfavea, New Holland Latino-Americana Ltda.

TABELA 4 - EXPORTAÇÕES PARANAENSES, SEGUNDO FATOR AGREGADO - 1980-2004

ANO	BÁSICOS		INDUSTRIALIZADOS				OPERAÇÕES ESPECIAIS		TOTAL (US\$ mil FOB)
			Semimanufaturados		Manufaturados				
	US\$ mil FOB	Part. (%)	US\$ mil FOB	Part. (%)	US\$ mil FOB	Part. (%)	US\$ mil FOB	Part. (%)	
1980	1 525 496	76,47	204 013	10,23	235 955	11,83	29 385	1,47	1 994 849
1981	1 578 294	65,71	250 316	10,42	541 587	22,55	31 827	1,33	2 402 024
1982	1 140 108	68,07	106 669	6,37	409 124	24,43	19 022	1,14	1 674 923
1983	1 012 405	69,20	79 971	5,47	349 526	23,89	21 043	1,44	1 462 945
1984	966 205	52,45	177 247	9,62	671 435	36,45	27 086	1,47	1 841 973
1985	928 902	50,89	175 665	9,62	698 346	38,26	22 551	1,24	1 825 464
1986	688 996	56,59	43 324	3,56	472 821	38,84	12 339	1,01	1 217 480
1987	969 288	59,14	120 707	7,37	533 758	32,57	15 169	0,93	1 638 922
1988	1 167 554	58,21	149 328	7,45	678 177	33,81	10 573	0,53	2 005 632
1989	1 192 665	60,13	178 327	8,99	601 886	30,35	10 462	0,53	1 983 340
1990	1 035 355	55,42	203 537	10,90	618 389	33,10	10 887	0,58	1 868 168
1991	939 248	51,75	179 988	9,96	678 770	37,56	13 223	0,73	1 807 229
1992	1 067 932	50,61	206 642	9,79	822 506	38,98	12 959	0,61	2 110 039
1993	1 191 871	48,04	192 267	7,75	1 081 457	43,59	15 548	0,63	2 481 143
1994	1 459 424	41,62	487 597	13,90	1 538 079	43,86	21 649	0,62	3 506 749
1995	1 439 114	40,34	646 613	18,13	1 463 107	41,01	18 511	0,52	3 567 346
1996	2 081 290	49,02	576 682	13,58	1 562 959	36,81	24 974	0,59	4 245 905
1997	2 524 220	52,01	560 259	11,54	1 740 382	35,86	28 727	0,59	4 853 587
1998	1 918 814	45,38	665 062	15,73	1 614 175	38,18	29 944	0,71	4 227 995
1999	1 735 679	44,14	626 797	15,94	1 528 134	38,86	41 954	1,07	3 932 564
2000	1 661 224	37,82	498 625	11,35	2 156 708	49,10	75 534	1,72	4 392 091
2001	2 280 929	42,89	561 244	10,55	2 414 089	45,40	61 247	1,15	5 317 509
2002	2 383 978	41,82	668 790	11,73	2 574 063	45,16	73 368	1,29	5 700 199
2003	2 984 894	41,73	877 823	12,27	3 212 969	44,92	77 549	1,08	7 153 235
2004 ⁽¹⁾	3 908 802	41,60	969 038	10,31	4 428 832	47,13	89 862	0,96	9 396 534

FONTE: MDIC/SECEX

(1) Dados preliminares.

TABELA 5 - COMÉRCIO EXTERIOR PARANAENSE E BRASILEIRO, SEGUNDO PRINCIPAIS MERCADOS - 2003-2004

BLOCOS ECONÔMICOS/ REGIÕES	PARAMÁ					BRASIL					PART. PR/BR	
	2004		2003		Variação (%)	2004		2003		Variação (%)	2004 (%)	2003 (%)
	US\$ mil FOB	Part. (%)	US\$ mil FOB	Part. (%)		US\$ mil FOB	Part. (%)	US\$ mil FOB	Part. (%)			
EXPORTAÇÃO	9 396 534	100,00	7 153 235	100,00	31,36	96 475 220	100,00	73 084 140	100,00	32,01	9,74	9,79
União Européia	2 676 718	28,49	2 148 900	30,04	22,21	24 160 225	25,04	18 461 013	25,26	30,87	11,08	11,64
Ásia (excl. Oriente Médio)	1 857 534	19,77	1 476 765	20,64	25,78	14 563 861	15,10	11 676 286	15,98	24,73	12,75	12,65
Estados Unidos (incl. Porto Rico)	1 288 856	13,72	1 044 913	14,61	20,09	20 341 274	21,08	16 900 223	23,12	20,36	6,34	6,18
Oriente Médio	843 999	8,98	603 960	8,44	41,09	3 687 155	3,82	2 805 864	3,84	31,41	22,89	21,52
Mercosul	830 011	8,83	500 482	7,00	65,84	8 912 111	9,24	5 671 853	7,76	57,13	9,31	8,82
Europa Oriental	369 101	3,93	337 420	4,72	17,34	2 487 768	2,58	2 028 260	2,78	22,66	14,84	16,64
África	330 249	3,51	275 943	3,86	19,68	4 244 927	4,40	2 860 142	3,91	48,42	7,78	9,65
Outros ⁽¹⁾	1 200 065	12,77	764 851	10,69	65,80	18 077 899	18,74	12 680 499	17,35	42,56	6,64	6,03
IMPORTAÇÃO	4 026 148	100,00	3 486 062	100,00	15,49	62 789 913	100,00	48 291 040	100,00	30,02	6,41	7,22
União Européia	1 457 077	36,19	1 266 078	36,32	15,09	15 920 303	25,35	13 021 805	26,97	22,26	9,15	9,72
Estados Unidos (incl. Porto Rico)	537 947	13,36	439 786	12,62	22,32	11 510 927	18,33	9 726 104	20,14	18,35	4,67	4,52
Ásia (excl. Oriente Médio)	457 973	11,37	317 890	9,12	44,07	12 278 857	19,56	8 922 678	18,48	37,61	3,73	3,56
Mercosul	442 765	11,00	564 036	16,18	-21,50	6 392 897	10,18	5 684 756	11,77	12,46	6,93	9,92
África	407 563	10,12	369 421	10,60	10,32	6 182 706	9,85	3 277 529	6,79	88,64	6,59	11,27
Europa Oriental	271 064	6,73	181 828	5,22	49,08	1 324 049	2,11	852 596	1,77	55,30	20,47	21,33
Oriente Médio	119 988	2,98	78 568	2,25	52,72	2 303 954	3,67	1 619 163	3,35	42,29	5,21	4,85
Outros ⁽¹⁾	331 771	8,24	268 455	7,70	23,59	6 876 220	10,95	5 186 409	10,74	32,58	4,82	5,18

FONTE: MDIC/SECEX/AliceWeb

(1) Inclui provisão de navios e aeronaves.

TABELA 6 - EXPORTAÇÕES PARANAENSES, SEGUNDO GRUPOS E SUBGRUPOS DE PRODUTOS - JANEIRO-OUTUBRO 2004-2005

continua

GRUPO / SUBGRUPO	JAN-OUT 2005		JAN-OUT 2004		VAR. (%)
	Valor (US\$ FOB)	Part. (%)	Valor (US\$ FOB)	Part. (%)	
Material de transporte e componentes	2 024 780 399	24,43	1 265 410 131	15,61	60,01
Automóveis	935 066 883	11,28	498 340 540	6,15	87,64
Motores para veículos	460 980 489	5,56	434 156 685	5,36	6,18
Ônibus	176 605 955	2,13	12 564 874	0,16	1 305,55
Tratores	157 110 643	1,90	152 917 621	1,89	2,74
Veículos de carga	149 284 951	1,80	54 016 578	0,67	176,37
Autopeças	108 731 251	1,31	86 055 842	1,06	26,35
Chassis e carroçarias para veículos automóveis	31 281 094	0,38	21 789 729	0,27	43,56
Helicópteros	2 197 574	0,03	1 254 860	0,02	75,13
Pneumáticos e câmaras de ar	415 166	0,01	473 914	0,01	-12,40
Reboques para transporte de mercadorias	334 320	-	766 837	0,01	-56,40
Trens e materiais para vias férreas	44 651	-	121 600	-	-63,28
Motores e turbinas para aviação	161	-	221	-	-27,15
Motocicletas	-	-	10 558	-	-100,00
Demais materiais de transporte	2 727 261	0,03	2 940 272	0,04	-7,24
Complexo soja	1 939 905 478	23,41	2 779 514 589	34,30	-30,21
Soja em grão	830 940 793	10,03	1 254 846 222	15,48	-33,78
Farelo de soja	724 579 419	8,74	995 506 969	12,28	-27,22
Óleo de soja bruto	282 860 763	3,41	424 873 811	5,24	-33,42
Óleo de soja refinado	101 524 503	1,23	102 224 844	1,26	-0,69
Óleo de soja, exceto óleo bruto ou refinado	-	-	2 062 743	0,03	-100,00
Carnes	1 083 002 747	13,07	802 614 997	9,90	34,93
Carne de frango "in natura"	759 677 650	9,17	560 589 688	6,92	35,51
Carne suína "in natura"	165 304 714	1,99	80 926 216	1,00	104,27
Carne bovina "in natura"	70 545 772	0,85	90 479 205	1,12	-22,03
Carne de peru "in natura"	54 396 687	0,66	43 386 007	0,54	25,38
Carne de frango industrializada	11 610 929	0,14	3 894 915	0,05	198,10
Carne bovina industrializada	839 824	0,01	502 707	0,01	67,06
Demais carnes	20 627 171	0,25	22 836 259	0,28	-9,67
Madeiras e manufaturas de madeira	921 337 065	11,12	975 508 747	12,04	-5,55
Madeira compensada ou contraplacada	409 263 314	4,94	453 340 985	5,59	-9,72
Madeira serrada	184 943 936	2,23	158 778 098	1,96	16,48
Obras de marcenaria ou de carpintaria	95 747 448	1,16	135 155 799	1,67	-29,16
Painéis de fibras ou de partículas de madeira	58 908 657	0,71	56 757 941	0,70	3,79
Madeira laminada	19 416 263	0,23	17 967 940	0,22	8,06
Demais madeiras e manufaturas de madeira	153 057 447	1,85	153 507 984	1,89	-0,29

TABELA 6 - EXPORTAÇÕES PARANAENSES, SEGUNDO GRUPOS E SUBGRUPOS DE PRODUTOS - JANEIRO-OUTUBRO 2004-2005

GRUPO / SUBGRUPO	JAN-OUT 2005		JAN-OUT 2004		conclusão
	Valor (US\$ FOB)	Part. (%)	Valor (US\$ FOB)	Part. (%)	VAR. (%)
Máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos	439 703 407	5,31	343 257 466	4,24	28,10
Compressores e bombas	177 175 674	2,14	122 876 051	1,52	44,19
Máquinas e aparelhos de uso agrícola, exceto trator	54 315 818	0,66	74 580 623	0,92	-27,17
Refrigeradores e congeladores	50 491 228	0,61	49 026 865	0,60	2,99
Rolamentos e engrenagens	23 330 032	0,28	14 613 883	0,18	59,64
Máquinas e aparelhos de elevação de carga, descarga, etc.	19 321 937	0,23	18 551 421	0,23	4,15
Torneiras e válvulas	8 826 163	0,11	7 525 668	0,09	17,28
Aparelhos de ar-condicionado	8 307 020	0,10	6 278 729	0,08	32,30
Máquinas e aparelhos para fabr. de pasta celulósica e papel	3 856 226	0,05	2 287 288	0,03	68,59
Aparelhos para filtrar ou depurar	1 979 254	0,02	1 541 274	0,02	28,42
Computadores e acessórios	945 283	0,01	1 442 918	0,02	-34,49
Máquinas e aparelhos para encher, fechar, etc. recipientes	880 105	0,01	1 282 052	0,02	-31,35
Máquinas e aparelhos para trabalhar pedra e minério	209 086	-	232 241	-	-9,97
Máquinas e aparelhos de terraplanagem, perfuração	29 534	-	80 785	-	-63,44
Laminadores de metais	11 865	-	11 789	-	0,64
Máquinas de costura	4 460	-	8 843	-	-49,56
Demais máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos	90 019 722	1,09	42 917 036	0,53	109,75
Produtos químicos	208 789 345	2,52	172 162 810	2,12	21,27
Aubos e fertilizantes	51 091 592	0,62	64 395 536	0,79	-20,66
Produtos químicos orgânicos	47 488 047	0,57	25 570 965	0,32	85,71
Plásticos e suas obras	42 444 614	0,51	28 504 336	0,35	48,91
Produtos químicos inorgânicos	11 492 086	0,14	9 401 363	0,12	22,24
Óleos essenciais e resinóides	7 388 207	0,09	4 991 703	0,06	48,01
Extratos tanantes e tintoriais	1 642 989	0,02	1 484 458	0,02	10,68
Produtos farmacêuticos	1 608 840	0,02	951 494	0,01	69,09
Produtos para fotografia	-	-	27	-	-100,00
Demais produtos químicos	45 632 970	0,55	36 862 928	0,45	23,79
Papel e celulose	208 330 812	2,51	177 330 437	2,19	17,48
Papel	207 947 321	2,51	177 325 150	2,19	17,27
Celulose	383 491	-	5 287	-	-
Produtos metalúrgicos	191 636 361	2,31	113 754 856	1,40	68,46
Produtos laminados planos de ferro ou aço	56 094 275	0,68	23 005 044	0,28	143,83
Produtos semimanufaturados de ferro ou aço	50 485 993	0,61	51 250 208	0,63	-1,49
Barras, perfis, fios, chapas e tiras, de alumínio	10 796 338	0,13	5 792 022	0,07	86,40
Fio-máquinas e barras de ferro ou aço	3 981 957	0,05	5 468 396	0,07	-27,18
Tubos de ferro fundido, ferro ou aço	557 643	0,01	1 582 406	0,02	-64,76
Ferro fundido bruto e ferro "spiegel" (ferro gusa)	4 382	-	-	-	-
Demais produtos metalúrgicos	69 715 773	0,84	26 656 780	0,33	161,53
Outros grupos de produtos	1 269 649 843	15,32	1 474 451 559	18,19	-13,89
TOTAL	8 287 135 457	100,00	8 104 005 592	100,00	2,26

FONTE: MDIC/SECEX

NOTA: Dados trabalhados pelo IPARDES.

TABELA 7 - IMPORTAÇÕES PARANAENSES, SEGUNDO GRUPOS E SUBGRUPOS DE PRODUTOS - JANEIRO - OUTUBRO 2004-2005

continua

GRUPO / SUBGRUPO	JAN-OUT 2005		JAN-OUT 2004		VAR. (%)
	Valor (US\$ FOB)	Part. (%)	Valor (US\$ FOB)	Part. (%)	
Material de transporte e componentes	772 879 588	20,46	579 210 156	17,49	33,44
Autopeças	420 505 866	11,13	340 408 300	10,28	23,53
Motores para veículos	241 427 201	6,39	151 914 171	4,59	58,92
Automóveis	36 572 759	0,97	30 904 670	0,93	18,34
Pneumáticos e câmaras de ar	30 346 842	0,80	14 096 007	0,43	115,29
Helicópteros	15 114 346	0,40	9 415 286	0,28	60,53
Veículos de carga	4 725 764	0,13	2 983 425	0,09	58,40
Tratores	2 482 584	0,07	815 000	0,02	204,61
Motores e turbinas para aviação	766 890	0,02	280 795	0,01	173,11
Partes e peças de aviões e helicópteros	567 064	0,02	399 603	0,01	41,91
Chassis e carroçarias para veículos automóveis	311 941	0,01	1 497 406	0,05	-79,17
Trens e materiais para vias férreas	147 559	-	3 535 393	0,11	-95,83
Motocicletas	73 111	-	133 180	-	-45,10
Aviões	36 000	-	4 546 680	0,14	-99,21
Demais materiais de transporte	19 801 661	0,52	18 280 240	0,55	8,32
Produtos químicos	766 028 139	20,28	910 317 087	27,49	-15,85
Adubos e fertilizantes	305 370 103	8,08	558 185 570	16,86	-45,29
Produtos químicos orgânicos	183 858 168	4,87	165 579 230	5,00	11,04
Plásticos e suas obras	123 926 805	3,28	96 742 624	2,92	28,10
Produtos farmacêuticos	37 566 880	0,99	14 405 445	0,44	160,78
Produtos químicos inorgânicos	16 651 580	0,44	17 130 706	0,52	-2,80
Extratos tanantes e tintoriais	15 739 360	0,42	13 367 071	0,40	17,75
Óleos essenciais e resinóides	4 577 050	0,12	4 074 854	0,12	12,32
Produtos para fotografia	3 151 466	0,08	1 465 955	0,04	114,98
Demais produtos químicos	75 186 727	1,99	39 365 632	1,19	91,00
Máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos	559 100 459	14,80	440 881 460	13,32	26,81
Compressores e bombas	128 504 375	3,40	106 564 373	3,22	20,59
Rolamentos e engrenagens	75 117 138	1,99	62 200 557	1,88	20,77
Computadores e acessórios	46 098 372	1,22	23 022 384	0,70	100,23
Torneiras e válvulas	31 729 568	0,84	29 078 150	0,88	9,12
Aparelhos de ar-condicionado	26 715 506	0,71	22 394 260	0,68	19,30
Aparelhos para filtrar ou depurar	20 855 046	0,55	21 827 881	0,66	-4,46
Refrigeradores e congeladores	15 387 525	0,41	10 871 021	0,33	41,55
Máquinas e aparelhos para fabr. de pasta celulósica e papel	10 825 125	0,29	6 059 429	0,18	78,65
Máquinas e aparelhos de uso agrícola, exceto trator	8 833 976	0,23	18 289 668	0,55	-51,70
Máquinas e aparelhos de elevação de carga, descarga, etc.	8 425 716	0,22	7 523 047	0,23	12,00
Máquinas e aparelhos para encher, fechar, etc. recipientes	4 573 875	0,12	1 622 645	0,05	181,88
Máquinas e aparelhos para trabalhar pedra e minério	1 733 337	0,05	298 328	0,01	481,02
Máquinas e aparelhos de terraplanagem, perfuração	1 152 306	0,03	67 326	-	1 611,53
Máquinas de costura	684 355	0,02	862 007	0,03	-20,61
Laminadores de metais	76 814	-	115 238	-	-33,34
Demais máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos	178 387 425	4,72	130 085 146	3,93	37,13
Derivados de petróleo	455 811 680	12,07	294 336 534	8,89	54,86
Óleos brutos de petróleo	446 551 599	11,82	222 382 251	6,72	100,80
Óleos lubrificantes	333 535	0,01	514 380	0,02	-35,16
Gasolina	2 664	-	2 763 133	0,08	-99,90
Óleos e combustíveis	-	-	59 568 768	1,80	-100,00
Demais derivados de petróleo	8 923 882	0,24	9 108 002	0,28	-2,02

TABELA 7 - IMPORTAÇÕES PARANAENSES, SEGUNDO GRUPOS E SUBGRUPOS DE PRODUTOS - JANEIRO-OUTUBRO 2004-2005

conclusão

GRUPO / SUBGRUPO	JAN-OUT 2005		JAN-OUT 2004		Var. (%)
	Valor (US\$ FOB)	Part. (%)	Valor (US\$ FOB)	Part. (%)	
Materiais elétricos e eletrônicos	360 358 384	9,54	310 853 750	9,39	15,93
Aparelhos transmissores e receptores	58 333 165	1,54	64 234 931	1,94	-9,19
Aparelhos elétricos para telefonia	46 016 858	1,22	37 256 419	1,13	23,51
Aparelhos para interrupção, proteção de energia, suas partes	39 047 135	1,03	34 921 038	1,05	11,82
Geradores e transformadores, elétricos	38 502 484	1,02	32 041 730	0,97	20,16
Fios, cabos e condutores para uso elétrico	13 893 788	0,37	12 669 832	0,38	9,66
Aparelhos eletro-mecânicos ou térmicos, de uso doméstico	2 155 941	0,06	2 893 103	0,09	-25,48
Demais materiais elétricos e eletrônicos	162 409 013	4,30	126 836 697	3,83	28,05
Produtos metalúrgicos	128 425 183	3,40	102 968 331	3,11	24,72
Barras, perfis, fios, chapas e tiras, de alumínio	10 523 006	0,28	8 595 248	0,26	22,43
Catodos de cobre	6 260 317	0,17	1 281 823	0,04	388,39
Tubos de ferro fundido, ferro ou aço	5 359 180	0,14	5 701 049	0,17	-6,00
Ligas de alumínio	3 991 936	0,11	1 139	-	-
Produtos laminados planos de ferro ou aço	3 333 872	0,09	4 332 186	0,13	-23,04
Produtos semimanufaturados de ferro ou aço	1 091 459	0,03	295 800	0,01	268,99
Fio-máquinas e barras de ferro ou aço	1 035 605	0,03	570 483	0,02	81,53
Ferro-ligas	-	-	280 966	0,01	-100,00
Alumínio em bruto	-	-	62	-	-100,00
Demais produtos metalúrgicos	96 829 808	2,56	81 909 575	2,47	18,22
Instrumentos, aparelhos de ótica e de precisão	121 288 857	3,21	84 843 700	2,56	42,96
Papel e celulose	82 150 405	2,17	76 044 737	2,30	8,03
Celulose	42 285 039	1,12	35 403 890	1,07	19,44
Papel	39 865 366	1,06	40 640 847	1,23	-1,91
Cereais	51 385 404	1,36	53 078 531	1,60	-3,19
Complexo soja	41 837 953	1,11	46 980 548	1,42	-10,95
Soja em grão	41 622 357	1,10	39 591 678	1,20	5,13
Farelo de soja	215 355	0,01	7 388 870	0,22	-97,09
Óleo de soja, exceto óleo bruto ou refinado	241	-	-	-	-
Produtos têxteis	39 058 627	1,03	63 099 176	1,91	-38,10
Confecções	21 568 942	0,57	24 277 592	0,73	-11,16
Fios sintéticos ou artificiais	9 087 509	0,24	14 284 991	0,43	-36,38
Tecidos de algodão	93 394	-	163 432	-	-42,85
Sisal em fibras, cordas e cabos	1 308	-	222	-	489,19
Fios de algodão	292	-	-	-	-
Demais produtos têxteis	8 307 182	0,22	24 372 939	0,74	-65,92
Outros grupos de produtos	399 477 802	10,57	348 304 456	10,52	14,69
TOTAL	3 777 802 481	100,00	3 310 918 466	100,00	14,10

FONTE: MDIC/SECEX

Nota: Dados trabalhados pelo IPARDES.

TABELA 8 - BALANÇA COMERCIAL PARANAENSE E BRASILEIRA - 1994-2005

ANO	PARANÁ (US\$ MIL FOB)			BRASIL (US\$ MIL FOB)		
	Exportação	Importação	Saldo	Exportação	Importação	Saldo
1994	3 506 749	1 589 440	1 917 309	43 545 167	33 052 686	10 492 481
1995	3 567 346	2 390 291	1 177 055	46 506 281	49 971 895	-3 465 614
1996	4 245 905	2 434 373	1 811 172	47 746 726	53 345 767	-5 599 039
1997	4 853 587	3 306 968	1 547 276	52 990 115	59 747 227	-6 752 887
1998	4 227 995	4 057 589	170 406	51 139 862	57 763 476	-6 623 614
1999	3 932 564	3 699 957	232 607	48 011 444	49 294 639	-1 283 195
2000	4 392 091	4 685 381	-293 290	55 085 595	55 838 590	-752 994
2001	5 317 509	4 929 457	388 052	58 222 642	55 572 176	2 650 436
2002	5 700 199	3 333 814	2 366 386	60 361 786	47 236 752	13 125 034
2003	7 153 235	3 486 013	3 667 222	73 084 140	48 304 598	24 779 541
2004 ⁽¹⁾	9 396 534	4 026 197	5 370 337	96 475 238	62 813 008	33 662 231
Janeiro	507 086	248 381	258 705	5 799 645	4 214 653	1 584 991
Fevereiro	520 516	258 262	262 254	5 721 636	3 756 775	1 964 861
Março	798 144	307 204	490 941	7 926 995	5 343 907	2 583 088
Abril	584 912	257 451	327 461	6 589 499	4 631 097	1 958 402
Maio	832 956	289 271	543 685	7 941 178	4 829 640	3 111 539
Junho	1 484 571	457 237	1 027 334	9 327 515	5 528 064	3 799 451
Julho	881 370	376 119	505 251	8 992 426	5 526 033	3 466 393
Agosto	933 007	388 300	544 707	9 056 464	5 622 564	3 433 900
Setembro	845 966	359 678	486 288	8 922 690	5 751 325	3 171 366
Outubro	715 477	369 016	346 461	8 843 409	5 840 452	3 002 957
Novembro	642 846	312 081	330 765	8 159 283	6 082 694	2 076 589
Dezembro	649 682	403 197	246 485	9 194 498	5 685 804	3 508 694
2005 ⁽¹⁾	8 287 135	3 777 802	4 509 333	96 622 520	60 278 897	36 343 623
Janeiro	536 298	397 778	138 521	7 444 140	5 259 836	2 184 304
Fevereiro	601 990	360 493	241 498	7 756 287	4 972 397	2 783 891
Março	858 948	428 448	430 499	9 250 704	5 906 342	3 344 361
Abril	896 454	372 542	523 912	9 201 536	5 331 664	3 869 872
Maio	902 353	442 894	459 459	9 818 442	6 367 830	3 450 612
Junho	921 094	405 177	515 917	10 206 058	6 180 780	4 025 277
Julho	937 866	335 106	602 760	11 061 329	6 056 690	5 004 639
Agosto	965 292	385 623	579 669	11 346 312	7 677 879	3 668 433
Setembro	824 736	343 886	480 850	10 634 458	6 307 024	4 327 435
Outubro	842 104	305 856	536 248	9 903 254	6 218 455	3 684 799

FONTE: MDIC/SECEX

(1) Dados preliminares.

TABELA 9 - ÍNDICE DE PREÇOS AO CONSUMIDOR (IPC) EM CURITIBA - 1999 - OUTUBRO 2005

PERÍODO	VARIAÇÃO (%)	PERÍODO	VARIAÇÃO (%)
1999	9,52	Abril	1,44
2000	6,23	Maio	1,09
2001	5,90	Junho	1,27
2002	12,02	Julho	0,70
2003	6,46	Agosto	0,87
Janeiro	1,88	Setembro	0,04
Fevereiro	0,61	Outubro	0,60
Março	1,19	Novembro	0,48
Abril	0,87	Dezembro	0,79
Maio	0,51	2005	3,38
Junho	-0,11	Janeiro	0,52
Julho	0,06	Fevereiro	0,02
Agosto	0,43	Março	0,66
Setembro	0,43	Abril	1,14
Outubro	0,26	Maio	0,38
Novembro	0,21	Junho	-0,82
Dezembro	-0,05	Julho	0,74
2004	10,40	Agosto	0,08
Janeiro	1,72	Setembro	0,23
Fevereiro	0,48	Outubro	0,41
Março	0,48		

FONTE: IPARDES

TABELA 10 - PRINCIPAIS ÍNDICES NACIONAIS DE PREÇOS - 1980-2005

PERÍODO	VARIACÃO (%)				
	IPCA	IGP-DI	IGP-M	IPA-DI	INCC
1980	99,25	110,23	...	121,36	113,03
1981	95,62	95,20	...	94,28	86,12
1982	104,80	99,73	...	97,71	108,00
1983	164,01	211,02	...	234,04	148,91
1984	215,26	223,81	...	230,28	213,35
1985	242,23	235,13	...	225,77	283,63
1986	79,66	65,04	...	62,55	81,25
1987	363,41	415,95	...	407,25	416,58
1988	980,21	1 037,53	...	1 050,15	1 060,42
1989	1 972,91	1 782,85	...	1 748,91	2 022,58
1990	1 620,97	1 476,71	1 699,87	1 449,59	1 095,42
1991	472,70	480,23	458,38	471,67	486,30
1992	1 119,10	1 157,84	1 174,67	1 154,31	1 194,59
1993	2 477,15	2 708,17	2 567,34	2 639,47	2 763,41
1994	916,46	1 093,85	1 246,62	1 029,37	1 029,77
1995	22,41	14,77	15,24	6,38	31,48
1996	9,56	9,33	9,19	8,10	9,56
1997	5,22	7,48	7,74	7,80	6,81
1998	1,66	1,71	1,79	1,50	2,76
1999	8,94	19,99	20,10	28,88	9,20
2000	5,97	9,80	9,95	12,06	7,66
2001	7,67	10,40	10,37	11,88	8,85
2002	12,53	26,41	25,30	35,41	12,87
2003	9,30	7,66	8,69	6,27	14,42
Janeiro	2,25	2,17	2,33	2,21	1,51
Fevereiro	1,57	1,59	2,28	1,71	1,39
Março	1,23	1,66	1,53	1,93	1,38
Abril	0,97	0,41	0,92	0,07	0,90
Maio	0,61	-0,67	-0,26	-1,68	2,84
Junho	-0,15	-0,70	-1,00	-1,16	1,05
Julho	0,20	-0,20	-0,42	-0,59	0,99
Agosto	0,34	0,62	0,38	0,7	1,44
Setembro	0,78	1,05	1,18	1,29	0,22
Outubro	0,29	0,44	0,38	0,5	0,65
Novembro	0,34	0,48	0,49	0,46	1,04
Dezembro	0,52	0,60	0,61	0,74	0,16
2004	7,60	12,13	12,42	14,68	11,04
Janeiro	0,76	0,80	0,88	0,75	0,33
Fevereiro	0,61	1,08	0,69	1,42	1,00
Março	0,47	0,93	1,13	1,09	1,16
Abril	0,37	1,15	1,21	1,57	0,59
Maio	0,51	1,46	1,31	1,71	1,83
Junho	0,71	1,29	1,38	1,57	0,70
Julho	0,91	1,14	1,31	1,35	1,12
Agosto	0,69	1,31	1,22	1,59	0,81
Setembro	0,33	0,48	0,69	0,65	0,58
Outubro	0,44	0,53	0,39	0,61	1,19
Novembro	0,69	0,82	0,82	1,00	0,71
Dezembro	0,86	0,52	0,74	0,48	0,51
2005	4,73	0,83	1,21	-1,06	6,14
Janeiro	0,58	0,33	0,39	0,08	0,75
Fevereiro	0,59	0,40	0,30	0,39	0,44
Março	0,61	0,99	0,85	1,14	0,67
Abril	0,87	0,51	0,86	0,33	0,72
Maio	0,49	-0,25	-0,22	-0,98	2,09
Junho	-0,02	-0,45	-0,44	-0,78	0,76
Julho	0,25	-0,40	-0,34	-0,69	0,11
Agosto	0,17	-0,79	-0,65	-1,04	0,02
Setembro	0,35	-0,13	-0,53	-0,28	0,24
Outubro	0,75	0,63	0,60	0,79	0,19
Novembro	0,40

FONTES: IBGE, FGV

NOTA: Sinal convencional utilizado:

... Dado não disponível.

TABELA 11 - CONSUMO DE ENERGIA ELÉTRICA POR CLASSE, NO PARANÁ - 1982 - OUTUBRO 2005

continua

ANO	RESIDENCIAL			INDUSTRIAL			COMERCIAL			RURAL		
	MWh	Consumidor	Cons. Médio	MWh	Consumidor	Cons. Médio	MWh	Consumidor	Cons. Médio	MWh	Consumidor	Cons. Médio
1982	1 299 593	969 291	1,34	3 001 995	17 813	168,53	851 549	128 761	6,61	272 938	84 482	3,23
1983	1 448 654	1 034 511	1,40	3 073 475	17 546	175,17	918 416	132 319	6,94	316 622	98 197	3,22
1984	1 540 255	1 087 628	1,42	3 501 765	17 414	201,09	1 004 286	134 149	7,49	375 082	110 924	3,38
1985	1 664 522	1 160 358	1,43	4 223 948	18 538	227,85	1 082 727	137 975	7,85	455 386	149 948	3,04
1986	1 742 477	1 226 376	1,42	4 344 589	22 414	193,83	1 040 502	147 003	7,08	529 374	180 612	2,93
1987	1 969 469	1 283 301	1,53	4 426 193	23 592	187,61	1 139 754	153 382	7,43	623 808	207 010	3,01
1988	2 131 094	1 352 531	1,58	4 812 478	24 765	194,33	1 198 790	159 021	7,54	666 583	225 616	2,95
1989	2 305 889	1 432 780	1,61	4 943 319	26 844	184,15	1 256 049	167 241	7,51	669 758	232 101	2,89
1990	2 532 547	1 487 769	1,70	4 942 352	28 307	174,60	1 326 884	174 915	7,59	710 262	239 930	2,96
1991	2 728 913	1 564 954	1,74	4 961 887	30 093	164,89	1 410 622	184 105	7,66	770 424	241 854	3,19
1992	2 803 183	1 661 526	1,69	5 277 590	29 719	177,58	1 465 433	189 726	7,72	783 676	242 718	3,23
1993	2 942 026	1 760 153	1,67	5 721 496	31 475	181,78	1 562 062	198 402	7,87	807 335	253 995	3,18
1994	3 083 465	1 850 043	1,67	6 109 250	34 527	174,33	1 644 415	206 957	7,95	849 676	261 024	3,26
1995	3 496 661	1 928 441	1,81	6 319 368	36 322	173,98	1 828 569	215 459	8,48	921 030	264 605	3,48
1996	3 893 958	2 017 401	1,93	6 481 741	39 319	164,85	1 997 484	223 907	8,92	972 044	271 667	3,58
1997	4 070 901	2 087 652	1,95	6 773 231	41 752	162,22	2 164 222	231 472	9,35	1 019 293	273 850	3,72
1998	4 315 128	2 162 281	2,00	7 076 156	43 040	164,41	2 323 067	236 269	9,84	1 053 364	282 738	3,73
1999	4 286 162	2 159 603	1,98	6 237 923	43 090	144,76	2 383 606	235 671	10,11	1 082 043	279 932	3,87
2000	4 447 391	2 226 052	1,99	6 868 185	44 225	155,30	2 562 616	242 115	10,58	1 128 692	286 710	3,93
2001	4 311 700	2 304 333	1,87	7 308 055	45 326	165,25	2 638 769	248 633	10,61	1 137 253	302 767	3,97
2002	4 306 640	2 361 718	1,82	7 554 424	46 383	162,87	2 726 240	252 031	10,82	1 216 176	313 642	3,88
2003	4 381 518	2 428 812	1,80	7 233 321	49 062	147,43	2 863 582	257 408	11,12	1 249 719	321 491	3,89
2004	4 466 727	2 495 584	1,79	7 129 565	50 032	142,50	3 024 575	266 491	11,35	1 320 089	327 097	4,04
Janeiro	378 173	2 436 535	0,16	556 424	49 115	11,33	251 488	257 436	0,98	110 405	322 033	0,34
Fevereiro	378 806	2 441 103	0,16	581 142	49 179	11,82	263 675	257 437	1,02	118 227	322 364	0,37
Março	365 117	2 445 571	0,15	589 574	49 345	11,95	261 910	258 194	1,01	119 872	322 878	0,37
Abril	377 794	2 451 304	0,15	603 454	49 759	12,13	269 830	259 650	1,04	117 588	323 690	0,36
Mai	365 111	2 453 748	0,15	578 101	49 964	11,57	241 660	260 281	0,93	112 623	324 602	0,35
Junho	370 141	2 458 544	0,15	593 255	50 157	11,83	233 695	261 150	0,89	102 731	324 615	0,32
Julho	363 418	2 455 485	0,15	600 371	50 216	11,96	233 007	261 561	0,89	100 732	324 974	0,31
Agosto	368 545	2 468 684	0,15	616 482	49 779	12,38	244 185	263 057	0,93	101 817	325 284	0,31
Setembro	382 677	2 477 008	0,15	616 255	49 703	12,40	259 088	264 163	0,98	106 481	325 893	0,33
Outubro	372 551	2 482 875	0,15	592 172	49 928	11,86	250 273	264 990	0,94	110 266	326 189	0,34
Novembro	373 048	2 490 152	0,15	607 097	50 097	12,12	252 911	265 977	0,95	109 395	326 535	0,34
Dezembro	371 345	2 495 584	0,15	595 238	50 032	11,90	262 853	266 491	0,99	109 951	327 097	0,34
2005												
Janeiro	394 956	2 504 352	0,16	537 608	50 057	10,74	267 640	266 845	1,00	115 872	327 474	0,35
Fevereiro	386 716	2 511 715	0,15	585 022	49 647	11,78	270 417	267 203	1,01	121 246	327 396	0,37
Março	378 044	2 517 373	0,15	604 655	49 712	12,16	283 059	267 366	1,06	125 569	327 773	0,38
Abril	401 834	2 524 113	0,16	544 947	50 058	10,89	296 922	268 038	1,11	128 731	328 270	0,39
Mai	382 122	2 526 452	0,15	524 267	50 792	10,32	264 386	269 504	0,98	119 911	326 887	0,37
Junho	388 876	2 532 626	0,15	521 692	51 110	10,21	261 313	269 911	0,97	112 752	327 973	0,34
Julho	376 876	2 535 122	0,15	513 502	51 284	10,01	248 857	270 491	0,92	108 957	327 392	0,33
Agosto	383 481	2 538 356	0,15	531 752	51 606	10,30	255 235	270 952	0,94	108 105	327 865	0,33
Setembro	392 888	2 545 459	0,15	522 833	52 098	10,04	262 979	271 782	0,97	110 284	328 461	0,34
Outubro	385 733	2 551 211	0,15	522 019	52 460	9,95	264 054	272 286	0,97	108 801	327 927	0,33

TABELA 11 - CONSUMO DE ENERGIA ELÉTRICA POR CLASSE, NO PARANÁ - 1982 - OUTUBRO 2005

conclusão

ANO	ILUMINAÇÃO PÚBLICA			SERVIÇOS PÚBLICOS			PRÓPRIO			TOTAL		
	MWh	Consumidor	Cons. Médio	MWh	Consumidor	Cons. Médio	MWh	Consumidor	Cons. Médio	MWh	Consumidor	Cons. Médio
1982	350 752	926	378,78	194 380	1 037	187,44	34 451	1 019	33,81	6 005 658	1 203 329	4,99
1983	366 667	931	393,84	217 676	1 148	189,61	51 427	1 073	47,93	6 392 937	1 285 725	4,97
1984	391 060	957	408,63	239 141	1 240	192,86	62 097	1 113	55,79	7 113 686	1 353 425	5,26
1985	426 117	990	430,42	249 879	1 371	182,26	60 867	1 101	55,28	8 163 344	1 470 281	5,55
1986	404 467	1 019	396,93	258 540	1 515	170,65	67 435	1 154	58,44	8 387 384	1 580 093	5,31
1987	472 246	1 029	458,94	280 669	1 627	172,51	67 805	1 198	56,60	8 979 944	1 671 139	5,37
1988	522 691	1 040	502,59	303 603	1 775	171,04	52 814	1 266	41,72	9 688 053	1 766 014	5,49
1989	542 071	1 029	526,79	311 674	1 862	167,39	53 035	1 302	40,73	10 081 795	1 863 159	5,41
1990	543 225	1 035	524,86	324 304	1 945	166,74	55 626	1 323	42,05	10 435 200	1 935 224	5,39
1991	555 513	1 041	533,63	349 943	2 069	169,14	49 385	1 314	37,58	10 826 687	2 025 430	5,35
1992	569 159	1 054	540,00	364 228	2 175	167,46	48 394	1 290	37,51	11 311 663	2 128 208	5,32
1993	581 418	1 056	550,59	385 049	2 345	164,20	48 830	1 282	38,09	12 048 216	2 248 708	5,36
1994	596 059	1 062	561,26	408 225	2 535	161,04	47 243	1 308	36,12	12 953 312	2 382 031	5,44
1995	617 280	1 066	579,06	432 308	2 695	160,41	50 285	1 368	36,75	13 998 664	2 475 295	5,65
1996	637 700	1 065	598,78	453 092	2 844	159,32	69 251	1 372	50,47	14 866 502	2 583 944	5,75
1997	664 359	2 581	257,40	468 424	2 903	161,36	72 469	1 367	53,01	15 232 899	2 641 577	5,77
1998	679 774	3 094	219,71	492 871	3 091	159,46	58 544	1 329	43,98	15 998 805	2 731 842	5,86
1999	662 423	3 180	208,31	496 069	3 165	156,74	35 725	1 152	31,01	15 203 951	2 725 793	5,58
2000	672 684	3 840	175,17	505 344	3 297	153,27	33 341	1 033	32,27	16 207 304	2 807 270	5,77
2001	675 604	4 133	163,47	518 944	3 346	155,09	27 393	593	26,52	16 617 718	2 909 131	5,71
2002	672 706	4 399	152,92	525 399	3 492	150,46	20 096	582	34,53	17 021 681	2 982 247	5,71
2003	671 510	5 208	128,94	542 456	3 553	152,68	19 608	580	33,81	16 961 714	3 066 114	5,53
2004	685 577	6 667	102,83	551 210	3 619	152,31	21 874	571	38,31	17 199 617	3 150 061	5,46
Janeiro	56 371	5 283	10,67	48 176	3 555	13,55	1 828	579	3,16	1 402 865	3 074 536	0,46
Fevereiro	56 456	5 378	10,50	47 089	3 555	13,25	1 973	580	3,40	1 447 368	3 079 596	0,47
Março	56 250	5 558	10,12	45 960	3 561	12,91	1 846	581	3,18	1 440 529	3 085 688	0,47
Abril	57 532	5 577	10,32	47 351	3 570	13,26	1 968	584	3,37	1 475 517	3 094 134	0,48
Mai	56 916	5 736	9,92	43 980	3 590	12,25	1 797	583	3,08	1 400 188	3 098 204	0,45
Junho	57 113	5 881	9,71	44 149	3 584	12,32	1 750	585	2,99	1 402 834	3 104 516	0,45
Julho	57 327	5 958	9,62	43 942	3 580	12,27	1 764	584	3,02	1 400 561	3 102 358	0,45
Agosto	57 488	6 175	9,31	45 867	3 598	12,75	1 801	583	3,09	1 436 185	3 117 160	0,46
Setembro	56 990	6 349	8,98	47 445	3 611	13,14	1 853	579	3,20	1 512 137	3 127 306	0,48
Outubro	57 609	6 444	8,94	45 148	3 631	12,43	1 717	579	2,97	1 429 736	3 134 636	0,46
Novembro	57 681	6 579	8,77	45 790	3 633	12,60	1 752	573	3,06	1 447 674	3 143 546	0,46
Dezembro	57 843	6 667	8,68	46 313	3 619	12,80	1 825	571	3,20	1 445 368	3 150 061	0,46
2005												
Janeiro	58 233	6 742	8,64	47 702	3 618	13,18	1 888	573	3,29	1 423 899	3 159 661	0,45
Fevereiro	58 108	6 744	8,62	47 309	3 618	13,08	1 838	572	3,21	1 470 656	3 166 895	0,46
Março	58 109	6 751	8,61	46 112	3 623	12,73	1 919	571	3,36	1 497 467	3 173 169	0,47
Abril	58 362	6 754	8,64	49 596	3 620	13,70	2 092	572	3,66	1 482 484	3 181 425	0,47
Mai	58 496	6 764	8,65	46 287	3 634	12,74	1 815	572	3,17	1 397 284	3 184 605	0,44
Junho	58 887	6 854	8,59	47 640	3 638	13,10	1 793	574	3,12	1 392 953	3 192 686	0,44
Julho	58 711	6 931	8,47	45 229	3 653	12,38	1 687	569	2,96	1 353 819	3 195 442	0,42
Agosto	58 677	6 971	8,42	46 914	3 669	12,79	1 697	572	2,97	1 385 860	3 199 991	0,43
Setembro	58 967	6 997	8,43	46 805	3 667	12,76	1 720	574	3,00	1 396 477	3 209 038	0,44
Outubro	59 413	6 996	8,49	45 496	3 678	12,37	1 781	577	3,09	1 387 296	3 215 135	0,43

FONTE: Copel

NOTA: A totalização dos dados abrange a distribuição direta de energia, exclusive para os poderes públicos.

TABELA 12 - VENDAS DE COMBUSTÍVEIS, NO PARANÁ - 1999-2005

PERÍODO	VENDAS (m ³)			
	Óleo Combustível	Gasolina ⁽¹⁾	Óleo Diesel	GLP
1999	612 534	1 619 097	2 979 938	847 527
2000	477 427	1 583 337	3 031 779	842 922
2001	409 451	1 477 085	3 228 911	819 977
2002	377 406	1 435 096	3 353 184	787 611
2003	289 030	1 480 157	3 450 076	766 226
2004	190 052	1 580 815	3 601 808	790 619
Janeiro	14 941	127 894	252 124	58 860
Fevereiro	12 690	119 384	264 817	57 378
Março	18 185	132 296	346 547	64 512
Abril	15 605	137 753	325 005	65 531
Maiο	14 879	120 190	275 453	67 714
Junho	19 322	120 669	294 582	71 403
Julho	18 630	135 502	311 590	74 441
Agosto	14 836	131 435	348 684	70 303
Setembro	15 980	138 819	328 659	64 501
Outubro	14 676	133 062	308 123	65 160
Novembro	15 051	127 756	281 125	63 902
Dezembro	15 260	156 025	265 099	66 892
2005	125 207	1 181 878	2 668 869	602 298
Janeiro	13 075	125 718	234 481	58 485
Fevereiro	12 692	124 523	275 158	57 600
Março	14 463	137 161	358 729	63 623
Abril	13 223	131 223	306 462	63 316
Maiο	13 515	133 295	289 173	68 231
Junho	15 384	133 053	291 069	70 432
Julho	13 885	130 051	295 264	72 887
Agosto	14 640	138 672	327 687	75 267
Setembro	14 330	128 182	290 844	72 457

FONTE: ANP

NOTA: Inclui o consumo das companhias distribuidoras.

(1) Não inclui a gasolina de aviação.

TABELA 13 - ÍNDICES DE VOLUME DE VENDAS DO COMÉRCIO VAREJISTA, NO PARANÁ - 2000-2005

ATIVIDADE	ÍNDICE (base fixa: 2003 = 100)													
	2000	2001	2002	2003	2004	jan/04	fev/04	mar/04	abr/04	maio/04	jun/04	jul/04	ago/04	set/04
Combustíveis e lubrificantes	78,08	80,11	93,81	100,00	103,84	97,09	90,40	110,57	106,53	109,65	103,72	111,23	105,08	105,11
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	112,36	109,77	103,46	100,00	111,47	100,22	100,47	109,47	113,62	106,67	102,65	111,88	106,72	108,20
Hipermercados e supermercados	111,21	109,32	103,38	100,00	111,52	100,38	100,49	109,48	113,74	106,62	102,52	111,89	106,74	108,29
Tecidos, vestuário e calçados	107,72	108,87	95,83	100,00	107,38	86,24	82,37	96,11	97,43	136,38	108,33	111,91	98,17	96,98
Móveis e eletrodomésticos	99,69	95,18	93,66	100,00	129,42	118,40	92,30	109,96	106,99	130,89	125,08	131,49	127,68	121,86
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	100,00	106,49	101,77	93,22	108,26	106,42	114,07	107,11	105,01	105,19	98,37
Livros, jornais, revistas e papelaria	100,00	86,81	120,51	110,92	97,00	78,83	86,54	71,40	76,46	76,42	67,92
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	100,00	97,82	112,64	85,83	116,92	104,35	125,58	111,55	92,00	89,05	80,43
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	100,00	114,68	100,61	115,32	105,91	111,39	112,41	100,55	101,53	100,42	94,63
COMÉRCIO VAREJISTA - TOTAL	100,72	99,82	99,14	100,00	111,28	100,67	96,43	108,06	109,22	113,14	105,60	112,67	107,11	106,46

ATIVIDADE	ÍNDICE (base fixa: 2003 = 100)												
	out/04	nov/04	dez/04	2005	jan/05	fev/05	mar/05	abr/05	maio/05	jun/05	jul/05	ago/05	set/05
Combustíveis e lubrificantes	104,25	97,72	104,73	...	99,15	90,96	101,9	94,41	103,08	115,18	108,52	106,98	104,78
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	118,32	110,30	149,08	...	111,82	92,41	110,81	101,73	97,83	97,26	105,52	96,1	95,99
Hipermercados e supermercados	118,46	110,25	149,38	...	112,03	91,81	110,17	100,99	97,05	96,47	104,72	95,06	94,95
Tecidos, vestuário e calçados	97,76	101,85	174,99	...	86,03	79,67	93,68	110,86	114,29	98,95	119,34	99,78	103,18
Móveis e eletrodomésticos	132,93	133,64	221,82	...	129,78	115,2	131,36	131,83	149,6	144,52	142,93	144,56	134,52
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	102,78	105,29	130,35	...	99,44	102,75	120,47	110,57	121,59	120,86	116,44	121,33	111,85
Livros, jornais, revistas e papelaria	68,01	73,00	114,65	...	100,53	136,19	98,79	78,73	69,48	65,58	77,28	99,6	75,43
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	75,68	96,22	83,56	...	69,72	155,59	173,65	172,54	162,44	192,01	163,72	205	172,72
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	110,41	115,30	207,72	...	97,88	104,52	140,44	112,03	129,4	124,71	122,9	123,68	116,67
COMÉRCIO VAREJISTA - TOTAL	113,71	109,35	152,95	...	107,67	95,11	111,57	105,49	108,22	107,71	112,53	106,27	103,95

FONTE: IBGE - Pesquisa Mensal de Comércio

NOTA: Sinal convencional utilizado:

... Dado não disponível.

TABELA 14 - PRODUÇÃO FÍSICA DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO DO PARANÁ, SEGUNDO SEÇÕES E ATIVIDADES INDUSTRIAIS - 1991-2005

SEÇÃO/ATIVIDADE ⁽¹⁾	ÍNDICE (base: média de 2002 = 100)																							
	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	jan/04	fev/04	mar/04	abr/04						
Indústria de transformação	79,4	77,4	86,6	94,5	89,2	92,5	97,7	101,1	99,7	99,0	102,5	100,0	105,7	116,3	98,5	103,6	116,3	120,7	119,6	116,5	128,8	123,5		
Alimentos	78,5	78,2	93,3	93,6	84,2	88,9	85,8	90,6	96,2	93,9	99,3	100,0	104,7	109,8	83,0	84,2	105,6	115,1	113,3	118,0	124,7	112,4		
Bebidas	64,0	51,4	44,3	56,7	74,7	66,2	61,0	62,7	67,6	71,9	91,8	100,0	94,4	98,9	91,3	99,1	104,2	91,4	88,8	72,1	101,8	104,9		
Madeira	60,2	62,0	64,9	62,8	62,0	67,1	65,2	82,7	83,0	85,0	91,0	100,0	113,1	132,0	129,7	111,9	142,6	135,6	113,3	116,3	114,6	113,0		
Celulose, papel e produtos de papel	98,0	95,9	99,1	103,0	101,8	104,6	114,2	113,4	112,9	117,8	104,2	100,0	104,7	104,7	104,3	96,2	101,1	102,4	183,3	172,4	141,9	210,4	216,5	
Edição, impressão e reprodução de gravações	
Refino de petróleo e álcool	76,9	74,1	84,0	94,0	82,6	96,2	96,7	93,0	107,3	102,5	108,7	100,0	99,6	87,7	90,1	89,9	94,9	91,9	87,7	90,1	89,9	94,9	91,9	
Outros produtos químicos	61,9	67,5	81,3	94,4	80,7	103,9	110,1	100,1	107,5	117,8	116,4	100,0	105,4	94,4	108,4	93,1	62,1	70,7	108,4	113,3	118,0	124,7	112,4	
Borracha e plástico	88,1	82,9	90,5	72,1	70,6	100,7	113,5	111,2	100,0	90,3	90,5	100,0	95,0	99,8	105,0	97,7	105,6	88,7	105,0	113,3	118,0	124,7	112,4	
Minerais não metálicos	65,5	64,6	65,0	61,3	70,6	80,2	92,6	87,0	89,8	91,6	92,7	100,0	97,2	91,4	86,1	85,3	94,2	87,3	91,4	86,1	85,3	94,2	87,3	
Produtos de metal – excl. máquinas e equip.	151,4	145,9	118,6	127,1	148,3	153,3	151,1	134,2	121,8	98,0	94,9	100,0	98,6	104,3	98,9	99,3	117,9	99,7	98,6	104,3	98,9	99,3	117,9	99,7
Máquinas e equipamentos	42,8	36,1	42,9	58,2	63,9	73,3	72,4	63,4	62,7	73,3	80,9	100,0	113,8	138,1	110,9	148,1	161,2	122,8	138,1	110,9	148,1	161,2	122,8	
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	115,9	96,6	96,8	116,1	145,4	151,4	191,8	184,8	152,4	285,4	248,1	100,0	97,3	91,2	81,5	81,6	93,9	92,6	91,2	81,5	81,6	93,9	92,6	
Veículos automotores	62,3	62,7	91,6	135,3	129,5	84,9	112,8	106,4	79,2	101,8	101,8	100,0	117,3	176,8	130,9	139,3	166,8	155,6	176,8	130,9	139,3	166,8	155,6	
Mobiliário	59,9	44,4	53,5	58,1	68,7	91,9	87,8	93,4	98,7	106,2	99,0	100,0	90,7	92,9	71,6	73,8	98,5	85,4	92,9	71,6	73,8	98,5	85,4	

SEÇÃO/ATIVIDADE ⁽¹⁾	ÍNDICE (base: média de 2002 = 100)																	
	maio/04	jun/04	jul/04	ago/04	set/04	out/04	nov/04	dez/04	2005	jan/05	fev/05	mar/05	abr/05	maio/05	jun/05	jul/05	ago/05	set/05
Indústria de transformação	106,5	102,9	117,1	133,4	139,7	131,2	127,0	111,4	...	109,2	105,4	118,2	113,8	120,7	119,6	116,5	128,8	123,5
Alimentos	109,0	114,0	124,3	132,7	127,8	118,3	113,5	93,8	...	88,9	81,7	97,0	104,2	115,1	113,3	118,0	124,7	112,4
Bebidas	78,7	71,3	82,5	89,3	113,3	107,8	120,5	136,7	...	100,5	103,5	113,6	108,0	91,4	88,8	72,1	101,8	104,9
Madeira	131,3	129,2	133,1	143,6	145,8	137,6	128,4	115,2	...	124,0	108,0	137,1	123,0	121,2	123,7	111,5	113,9	115,9
Celulose, papel e produtos de papel	111,5	101,6	107,1	103,5	104,3	108,2	106,8	108,7	...	100,8	103,6	106,9	109,5	118,5	113,3	116,3	114,6	113,0
Edição, impressão e reprodução de gravações	128,6	97,7	110,4	196,2	367,3	288,3	282,2	205,4	...	256,5	177,7	181,0	128,1	183,3	172,4	141,9	210,4	216,5
Refino de petróleo e álcool	53,9	16,8	76,6	112,0	120,1	110,9	93,2	102,6	...	90,4	70,5	89,7	95,0	100,3	101,1	102,8	115,1	103,6
Outros produtos químicos	96,4	106,0	88,1	115,7	130,2	124,7	86,5	51,1	...	59,3	71,5	65,0	44,6	57,2	55,2	80,0	115,8	121,4
Borracha e plástico	94,3	86,6	96,7	106,7	109,2	106,9	103,6	96,7	...	80,7	87,7	92,2	93,6	100,3	98,8	95,1	99,5	96,3
Minerais não metálicos	89,4	88,4	97,7	99,3	95,5	89,0	94,3	90,0	...	87,6	90,4	99,6	95,7	95,0	95,7	97,7	96,2	92,7
Produtos de metal – excl. máquinas e equip.	106,6	109,6	112,8	119,4	103,1	104,6	97,1	82,4	...	92,9	93,5	105,2	107,5	104,3	101,3	100,1	109,6	103,9
Máquinas e equipamentos	117,4	117,3	119,6	149,6	150,0	157,3	148,9	153,9	...	128,6	153,8	145,8	122,0	134,0	112,1	102,6	109,1	112,3
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	100,9	91,5	111,8	91,8	94,0	85,0	84,6	85,2	...	94,6	103,5	107,4	94,4	107,2	106,3	114,7	112,5	136,8
Veículos automotores	165,0	188,6	212,0	218,0	190,4	182,2	211,9	160,7	...	177,2	190,8	228,4	230,6	215,3	239,6	207,7	227,0	209,1
Mobiliário	93,1	92,1	90,1	96,2	102,4	99,2	113,4	99,2	...	78,2	76,7	95,4	89,9	93,6	86,4	82,7	87,7	84,1

FONTE: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal

NOTA: Sinal convencional utilizado:

... Dado não disponível.

(1) Somente as atividades que apresentam produtos incluídos na amostra.

TABELA 15 - PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO NA INDÚSTRIA PARANAENSE, SEGUNDO SEÇÕES E DIVISÕES DA CNAE - 2001-2005

SEÇÃO/DIVISÃO	ÍNDICE (base: 2001 = 100)												
	2001	2002	2003	2004	Jan/04	Fev/04	Mar/04	Abr/04	Mai/04	Jun/04	Jul/04	Ago/04	Set/04
Indústria geral	100,00	100,22	102,65	106,86	102,04	102,11	102,97	105,31	107,63	108,34	107,43	108,89	109,27
Indústrias extrativas	100,00	96,26	91,98	83,99	84,30	85,40	86,21	86,90	87,85	87,59	81,78	82,72	83,24
Indústria de transformação	100,00	100,27	102,78	107,14	102,24	102,30	103,16	105,53	107,87	108,59	107,75	109,22	109,60
Alimentos e bebidas	100,00	108,69	119,34	125,33	120,01	118,61	120,70	123,00	123,88	123,39	122,71	126,53	128,88
Fumo	100,00	94,35	86,70	106,92	68,69	184,90	189,25	235,62	222,87	53,33	52,74	53,62	54,49
Têxtil	100,00	100,60	95,15	93,80	92,42	95,25	98,01	95,44	95,08	94,50	94,06	93,78	93,75
Vestuário	100,00	110,60	120,82	138,58	120,73	118,20	118,69	131,57	140,91	142,76	145,06	147,46	147,47
Calçados e couro	100,00	92,12	83,03	75,78	76,47	74,65	69,70	71,73	72,48	73,22	76,77	80,98	79,83
Madeira	100,00	90,52	87,71	89,81	86,56	88,25	90,99	91,86	90,66	90,62	91,24	91,69	90,68
Papel e gráfica	100,00	102,00	112,58	116,13	116,62	116,82	115,00	115,09	114,35	115,30	114,68	115,59	117,47
Refino de petróleo e combustíveis	100,00	107,12	148,91	153,74	96,31	97,42	105,34	128,15	180,68	185,61	185,11	183,67	184,77
Produtos químicos	100,00	96,83	87,29	86,40	81,39	84,09	84,29	85,45	87,23	90,41	87,16	85,49	87,08
Borracha e plástico	100,00	103,79	92,86	91,25	87,14	88,14	87,42	89,46	90,27	90,27	92,36	94,06	94,16
Minerais não-metálicos	100,00	110,98	108,27	111,57	104,62	107,41	105,28	114,83	113,53	115,86	112,96	114,61	111,05
Metalurgia básica	100,00	84,00	76,32	72,92	74,93	75,17	74,43	71,33	70,51	70,13	71,82	72,10	75,55
Produtos de metal ⁽¹⁾	100,00	94,47	96,42	95,87	96,41	96,39	96,51	97,72	96,89	96,98	90,45	95,80	94,79
Máquinas e equipamentos ⁽²⁾	100,00	110,52	124,33	136,63	139,35	135,85	137,77	136,79	136,96	137,72	134,21	134,20	135,47
Máquinas e aparelhos elétricos ⁽³⁾	100,00	101,98	92,26	86,33	87,01	87,66	87,86	85,85	91,24	90,77	83,67	82,95	84,38
Fabricação de meios de transporte	100,00	90,93	96,31	104,83	97,54	98,14	98,33	99,79	102,61	107,07	106,96	107,22	107,90
Fabricação de outros produtos	100,00	81,57	71,71	75,17	75,62	74,50	74,38	72,61	75,82	77,49	76,74	76,88	75,91

SEÇÃO/DIVISÃO	ÍNDICE (base: 2001=100)												
	Out/04	Nov/04	Dez/04	2005	Jan/05	Fev/05	Mar/05	Abr/05	Mai/05	Jun/05	Jul/05	Ago/05	Set/05
Indústria geral	109,75	110,56	107,97	...	108,14	108,40	108,90	109,59	110,88	109,60	108,47	108,03	107,84
Indústrias extrativas	82,08	80,55	79,30	...	79,24	79,29	80,82	79,56	78,88	74,59	74,05	72,15	72,27
Indústria de transformação	110,10	110,94	108,33	...	108,50	108,77	109,26	109,97	111,29	110,05	108,91	108,49	108,30
Alimentos e bebidas	130,37	133,23	132,65	...	133,27	134,17	134,59	138,01	139,71	141,13	141,36	142,98	143,80
Fumo	54,19	55,36	57,97	...	69,27	133,32	207,22	261,42	254,17	57,09	55,94	54,77	55,07
Têxtil	91,62	91,82	89,90	...	89,63	90,11	90,04	90,66	90,99	89,57	89,60	88,64	88,94
Vestuário	151,78	151,80	146,53	...	149,40	146,79	145,01	144,31	148,25	149,72	146,62	143,66	141,75
Calçados e couro	79,25	77,54	76,77	...	78,97	79,34	80,36	77,49	85,22	89,89	87,85	86,75	87,93
Madeira	88,85	89,54	86,82	...	87,48	88,19	87,85	83,42	81,39	76,23	73,62	73,37	71,90
Papel e gráfica	117,58	117,84	117,16	...	117,56	116,66	116,99	118,28	119,49	118,05	117,71	118,03	119,11
Refino de petróleo e combustíveis	183,86	181,17	132,82	...	114,42	109,44	116,98	162,02	192,97	192,42	182,54	174,49	168,47
Produtos químicos	90,12	88,61	85,50	...	85,54	85,27	85,12	85,18	85,08	84,62	83,91	83,35	84,77
Borracha e plástico	93,74	94,20	93,77	...	90,89	92,44	92,29	91,87	93,70	93,96	94,75	95,70	95,43
Minerais não-metálicos	110,43	111,81	116,47	...	116,61	117,68	117,07	117,71	119,87	118,88	115,28	116,22	113,69
Metalurgia básica	72,87	73,07	73,17	...	78,86	76,53	76,40	75,95	75,27	74,25	74,74	72,67	73,59
Produtos de metal ⁽¹⁾	94,59	98,46	95,46	...	96,61	96,73	97,80	95,03	97,25	96,62	97,77	98,49	101,23
Máquinas e equipamentos ⁽²⁾	138,32	139,31	133,60	...	137,55	139,86	140,64	140,10	140,17	141,11	138,75	133,41	131,86
Máquinas e aparelhos elétricos ⁽³⁾	85,03	85,04	84,50	...	86,41	89,34	90,51	94,42	94,54	92,91	92,39	90,79	92,00
Fabricação de meios de transporte	110,09	110,82	111,51	...	114,76	116,57	116,83	116,94	117,14	116,73	116,31	115,46	114,75
Fabricação de outros produtos	75,34	74,74	72,04	...	67,58	66,29	68,71	68,44	67,45	63,23	62,81	63,11	63,18

FONTE: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal de Emprego e Salário

NOTA: Sinal convencional utilizado:

... Dado não disponível.

(1) Não inclui máquinas e equipamentos.

(2) Não inclui máquinas e equipamentos elétricos, eletrônicos, de precisão e de comunicações.

(3) Inclui também máquinas e aparelhos eletrônicos, de precisão e de comunicações.

TABELA 16 - SALDO DO EMPREGO FORMAL NO PARANÁ⁽¹⁾ - 1995-2005

ANO	SETORES (número de vagas)						Total
	Indústria	Construção Civil	Comércio	Serviços	Agropecuária	Outros/Ignorado	
1995	-15 192	-2 923	-6 410	602	-1 448	44	-25 327
1996	-7 081	-2 096	-6 691	-16 109	-793	-35	-32 805
1997	4 464	278	6 529	-2 100	-1 000	-708	7 463
1998	-16 127	-3 658	-7 332	-4 695	-3 634	-211	-35 657
1999	3 137	-10 241	582	-1 295	-8 646	-186	-16 649
2000	8 475	-18	7 548	13 733	-1 866	271	28 143
2001	22 087	-6 701	14 536	22 888	1 026	21	53 857
2002	24 035	-1 376	21 872	14 299	-241	-	58 589
2003	18 066	-3 903	24 774	17 345	6 075	13	62 370
2004	49 092	1 417	35 049	30 151	6 938	1	122 648
Janeiro	1 699	828	768	2 489	374	-	6 158
Fevereiro	4 276	-100	3 492	4 389	-302	-	11 755
Março	8 436	-16	3 395	3 389	1 806	-	17 010
Abril	11 360	-310	2 274	3 855	5 271	-	22 450
Mai	9 842	1 745	3 318	4 859	5 337	-	25 101
Junho	4 556	-173	2 769	3 048	1 866	-	12 066
Julho	4 240	-337	3 145	3 949	774	-	11 771
Agosto	6 616	1 438	4 969	5 167	762	-	18 952
Setembro	6 281	421	2 731	3 032	481	-	12 946
Outubro	4 274	369	3 539	2 029	-32	2	10 181
Novembro	-939	-675	5 617	1 859	-286	-1	5 575
Dezembro	-11 549	-1 173	-968	-7 914	-9 113	-	-31 317
2005	25 684	3 341	21 760	35 322	8 620	3	94 730
Janeiro	987	300	1 252	2 911	-2 251	1	3 200
Fevereiro	1 732	414	1 498	5 713	-210	-	9 147
Março	5 709	434	1 826	4 788	2 772	-	15 529
Abril	12 495	274	2 934	3 118	5 257	-	24 078
Mai	4 070	939	2 528	4 093	4 044	-	15 674
Junho	143	-16	2 038	3 856	929	-	6 950
Julho	251	23	1 856	2 424	76	1	4 631
Agosto	2 398	711	2 847	4 585	-222	-	10 319
Setembro	2 410	-16	2 599	1 512	-330	-	6 175
Outubro	-4 511	278	2 382	2 322	-1 445	1	-973

FONTE: CAGED - MTE

NOTA: Sinal convencional utilizado:

- Dado inexistente.

(1) Levantamento financiado pelo Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT).

TABELA 17 - TAXA DE DESEMPREGO NA REGIÃO METROPOLITANA DE CURITIBA -
DEZ 2002 - SET 2005

PERÍODO	TAXA DE DESEMPREGO (%) ⁽¹⁾
2002	
Dezembro	6,4
2003	
Janeiro	7,8
Fevereiro	9,0
Março	10,0
Abril	9,6
Maio	10,2
Junho	10,2
Julho	10,3
Agosto	8,4
Setembro	8,4
Outubro	8,5
Novembro	8,0
Dezembro	6,5
2004	
Janeiro	7,1
Fevereiro	7,5
Março	8,9
Abril	8,2
Maio	8,4
Junho	8,7
Julho	8,9
Agosto	8,2
Setembro	7,9
Outubro	8,4
Novembro	8,0
Dezembro	7,2
2005	
Janeiro	7,7
Fevereiro	8,7
Março	8,5
Abril	8,2
Maio	8,1
Junho	7,9
Julho	7,6
Agosto	7,6
Setembro	7,0

FONTE: PME-IPARDES/IBGE

NOTA: A taxa de desemprego é denominada pelo IBGE como taxa de desocupação.

(1) Período de referência de procura do trabalho: 30 dias.

TABELA 18 - PRODUTO INTERNO BRUTO DO PARANÁ E DO BRASIL - 1995-2004

ANO	PARANÁ		BRASIL	
	Valor (R\$ milhão) ⁽¹⁾	Variação Real (%)	Valor (R\$ milhão) ⁽¹⁾	Variação Real (%)
1995	38 369	1,78	646 192	4,22
1996	47 720	7,24	778 887	2,66
1997	52 849	0,89	870 743	3,27
1998	56 798	5,30	914 188	0,13
1999	61 724	2,32	973 846	0,79
2000	65 969	5,06	1 101 255	4,36
2001	72 770	4,59	1 198 736	1,31
2002	81 449	1,70	1 346 028	1,93
2003	99 000	5,2	1 556 182	0,54
2004 ⁽²⁾	...	2,4	1 766 621	4,94

FONTES: IPARDES, IBGE

NOTA: Sinal convencional utilizado:

... Dado não disponível.

(1) Preços correntes.

(2) Estimativa.